

A Banha da Cobra - uma patranha com História

José Carlos Vilhena Mesquita

A Banha da Cobra - uma patranha com História

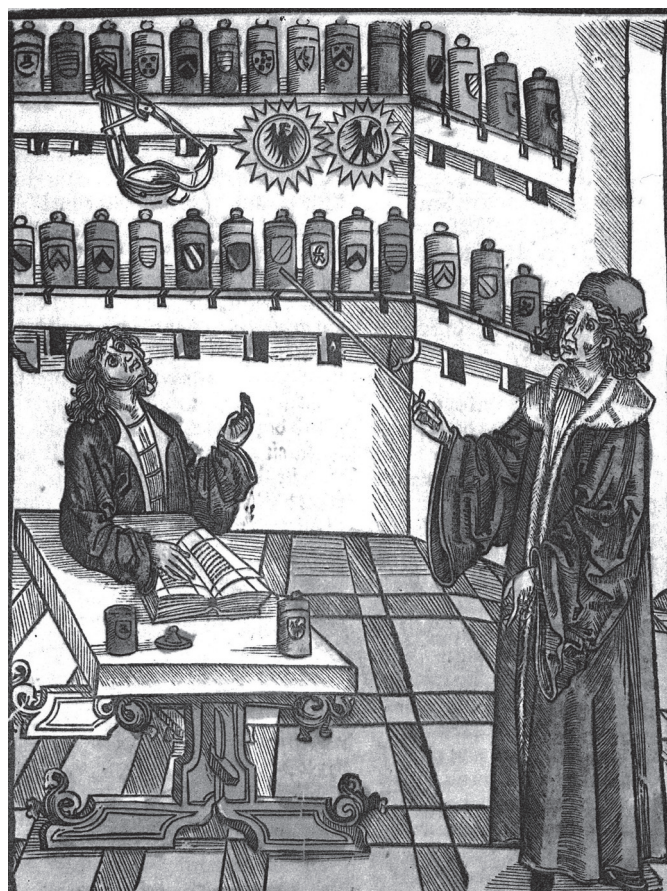
José Carlos Vilhena Mesquita - Professor da Faculdade de Economia da Universidade do Algarve

Entende-se por "Banha da Cobra" tudo aquilo que sendo um simples placebo, isto é, inócuo e inútil, se difunde e propaga publicamente como algo comprovadamente eficaz, seguro, poderoso e miraculosamente infalível. Para os lexicólogos significa algo que se publicita ou anuncia para endrominar incautos; um palavreado com o velado propósito de enganar os outros; uma proposta ou promessa de que não existe intenção de cumprir. Em suma, uma mentira, uma trapaça, um ludíbrio, uma vigarice. Hoje a expressão "banha da cobra" é usualmente empregue de modo pejorativo. E o "vendedor de banha da cobra" identifica alguém que é mentiroso, charlatão e de falsa índole.

As origens históricas do elixir milagroso ou panaceia médica remontam à antiguidade clássica, concretamente ao século primeiro antes de Cristo, quando o mundo conhecido se submetia quase em uníssono às legiões de César. O gládio de Roma tinha construído uma civilização forte e evoluída, submetida ao modo de produção escravagista, que depressa se transformou num império multicultural. O prazer do exótico e o gosto pelo misticismo acompanhou também a medicina da época. Daí que na antiga Roma, cidade de um milhão de habitantes, fosse comum ver-se abancar no fórum uns extravagantes esculápios, uns druidas celtas, uns escanzelados yogis ou curandeiros orientais, vendendo umas poções (xaropes) mágicas, uns unguentos miraculosos, uns cogumelos alucinantes, umas bebestiagens ressuscitantes. Tudo isso se generalizaria mais tarde sob a designação de "teriaga", o precursor histórico da moderna "banha da cobra" – um embuste medicinal para vender ao povo ingénuo, aos bacocos e demais ignorantes.

Efectivamente a banha da cobra existiu mesmo, e nos seus primórdios teve até fama de grande eficácia. Os romanos deram-lhe o nome de "teriaga". Mas, na verdade, não se sabe com absoluta certeza do que

realmente se tratava, qual a sua composição e seus ingredientes, sendo que ainda hoje pertence aos grandes mitos da história da medicina e da farmacopeia. Nos primórdios da civilização era considerada como um medicamento universal, ou seja, com sucesso contra a dor, a inflamação, a intoxicação e a febre. Este largo espectro de acção pressupõe uma formulação à base de alcalóides, salicilatos, ácidos orgânicos e provavelmente opiáceos ou algo semelhante para anestesiar a dor.



O médico Marsílio Ficino, notável humanista do renascimento italiano, indica ao boticário as substâncias que deve usar na preparação dos seus medicamentos. Gravura florentina de 1508.



Coroação de Nero por Agripina, sua mãe, esposa do imperador Cláudio, que amava a cultura e desprezava a política. Baixo relevo do Museu de Afrodísias, na Turquia.

Vejamos as suas raízes históricas.

Não se conhecem com absoluta certeza as suas origens, mas é provável que tenha sido criada na Ásia Menor, trazida até Roma por mercadores turcos. A sua composição era secreta, mas dizia-se que teria para cima de sessenta ingredientes, uns naturais, à base de plantas e destilações orgânicas, especiarias, alcaloides e analgésicos, outros fantasiosos e de índole magico-religiosa, sem efeito comprovado. Quando as “teriagas” surgiram a público foi para curar venenos, primeiro os que fossem infligidos pela mordedura de serpentes e toda a casta de ofídios; depois como antídoto contra os venenos sintéticos inoculados nos frutos e alimentos servidos a quem se pretendia assassinar¹.

¹ Entende-se por veneno toda e qualquer substância, natural ou sintética, sólida, líquida ou gasosa, que provoque lesões nos tecidos vivos e no organismo, se for ingerida, inalada ou injetada. É pela quantidade administrada do veneno que se pode avaliar a sua toxicidade. Se for de baixa concentração e pouca quantidade, pode servir como antídoto contra os seus iguais, mas se for alta poderá ser letal.

Note-se que a morte por envenenamento foi uma prática muito comum entre facções políticas, seitas religiosas, esposas enganadas, enfim, em todo o tipo de traições se recorreu à intoxicação secreta da vítima. O envenenamento político mais famoso foi talvez o do imperador Cláudio, assassinado por Agripina, sua esposa, para que o seu filho natural, Nero, ascendesse ao trono imperial.

Por vezes ocorria também o auto-envenenamento, ou seja, o suicídio, para preservar a honra e a dignidade, como aconteceu com os filósofos Sócrates e Demóstenes, o general cartaginês Aníbal Barca e a rainha Cleópatra do Egito; ou como aconteceu com os soldados judeus na fortaleza de Massada, cuja guarnição de homens, mulheres e crianças, preferiu suicidar-se colectivamente a render-se e tornar-se escrava dos sitiadores romanos.

Quando as legiões de Roma conquistaram o Médio Oriente souberam da existência de um medicamento capaz de vencer todas as doenças, purificando o organismo dos humores malignos que provocavam doenças, ou dos fatídicos venenos que causavam a morte. A receita desse milagroso medicamento obtiveram-na do rei Mitridates Eupator VI, cujo reino se situava no Nordeste da actual Turquia. Por isso é que a primeira panaceia da história da farmacologia se chamava “midriático”. Foi Andrómaco, um famoso médico romano, quem acrescentou à fórmula inicial mais de uma dezena de novos componentes, dentre



A morte de Sócrates, quadro de Jacques-Louis David, 1787, exposto no Metropolitan Museum of Art, em Nova York. Perante os seus discípulos Sócrates bebe a taça de cicuta, sacrificando a vida à liberdade de expressão e de pensamento.

os quais a carne de um tipo de cobra que se dizia imune ao veneno dos ofídios.

No século II depois de Cristo, acrescentaram-se novos componentes vegetais ao midriático para lhe instilar mais força balsâmica, nomeadamente pimenta, gengibre, canela e açafão. A ideia de melhorar a fórmula inicial partiu de Galeno, que para além dos sessenta e quatro ingredientes originais acrescentou o ópio, que embora em pequena porção sempre era um alcaloide com um poderoso efeito analgésico. Em caso de mordedura de serpente ou de envenenamento, o ópio não impedia a acção letífera, mas sempre produzia um efeito calmante, atenuando a dor e a inflamação.

A fama e predomínio da Teriaga, como medicamento universal

Foi quando Galeno melhorou a fórmula inicial que o medicamento tomou o nome de “teriaga”. Impõe-se dizer que Galeno foi uma das figuras mais proeminentes na história das ciências médico-farmacêuticas. A sua principal obra *De methodo Medendi* (A Arte de Curar), analisa as propriedades dos medicamentos, descrevendo a composição das suas substâncias terapêuticas de origem vegetal, mineral e animal, nomeadamente gorduras, soro, leite, cantáridas, bílis, carne de víbora, sal, jaspe, malaquite, gesso, bórax, argila, etc. Nessa altura, tornaram-se muito populares três remédios: a *hiera picra*², a *terra sigillata*³ e a teriaga. Esta última foi muito utilizada na Antiguidade, e a sua principal virtude era a de anular o efeito dos venenos.

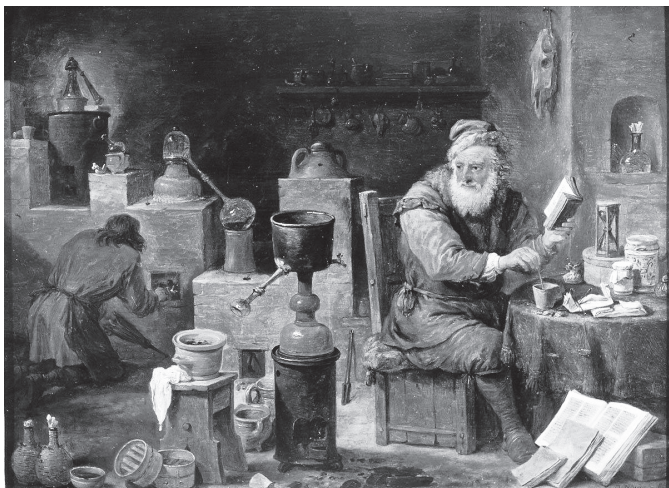
2 Trata-se de uma droga para fins purgativos, em cuja composição se misturava o aloé com a casca de canela. Anteriormente a Galeno existia uma droga muito semelhante com a designação “hiera logadii”. A fórmula que Galeno deu à hiera picra era muito mais complexa, pois acrescentava além da canela, a resina da aroeira ou lentisco, o xilobálsamo (madeira de balsameiro), azarola, espiqueiro (planta indiana da família das Valerianas, também designada por nardo da Síria) açafão e azebre (aloe). Quando os boticários reduziram esta mistura a pó e lhe juntaram mel, o seu efeito tornou-se mais eficaz e muito popular, por ser acessível ao paladar, sobretudo das mulheres e crianças. Traduzida à letra, hiera picra significa “sagrada amarga”

3 Terra sigillata (não confundir com a cerâmica romana) era a designação de um medicamento à base de argila usado pelos gregos no século V a.C., em forma de pequenos discólos (pastilhas), produzido na ilha de Lemnos, no Mar Egeu. Foi usado como protector gástrico para precaver o efeito dos venenos naturais ingeridos inadvertidamente. Mas era prescrito sobretudo para o tratamento da disenteria, úlceras, sangramento interno, gonorreia, febres palustres, dores nos rins e infecções oculares. Ainda hoje se usa a argila como preservativo gástrico nas medicinas alternativas.

Face ao gosto dos romanos pelo exotismo, é lógico que a teriaga – por ser feita com carne de cobra – rapidamente adquiriu fama de poção mágica. Os esculápios da época prescreviam-na para todas as doenças, sobretudo aos pacientes que apresentassem sintomas de infecção, estado febril, vertigens e dor. A eficácia da teriaga parecia comprovada, pelo menos os doentes reagiam com sinais de melhoria do seu estado de saúde, nomeadamente nos surtos epidémicos que frequentemente devastavam a cosmopolita cidade de Roma. Por isso, o seu preço subiu em flecha. A composição do medicamento era complexa e alguns dos seus elementos, por serem raros, tornavam-no caro e difícil de encontrar no mercado. Só os ricos tinham possibilidades de o adquirir.

Em resposta à crescente procura surgiu a teriaga dos pobres, mais barata e acessível. A sua fórmula era menos elaborada, substituindo-se os elementos mais raros, por outros mais naturais, como genciana, bagas de louro, alho, mirra, aristolóquia e mel. Com o avançar dos séculos a alquimia foi adquirindo lugar na vida científica da farmacologia, dedicando-se sobretudo à destilação, criando novos medicamentos. A fórmula original da teriaga foi sobrevivendo, embora com alterações pontuais. Na verdade, nunca se soube ao certo quais eram os seus sessenta e quatro componentes, ficando sempre como marca do seu exotismo a famosa carne da cobra (essencialmente o coração e fígado de víbora), que o vulgo interiorizou como principal agente da sua eficácia.

Pode dizer-se que desde a Antiguidade Clássica até ao final da Idade Moderna, o campo da bioquímica que mais avanços evidenciou na farmacologia foi o estudo dos venenos. O mais comum era o cianeto. Os alquimistas foram-no destilando até obter outros derivados, mais ou menos letais. Até que os árabes trouxeram ao conhecimento ocidental o uso do arsénico, um veneno transparente, inodoro e insípido, extremamente eficaz, que associado a uma bebida constituía um meio infalível de assassinato. Para não levantar suspeitas podia ser administrado em pequenas doses, de forma lenta e demolidora, até arruinar a saúde da vítima. Este método perdurou indetectável ao longo do segundo milénio da nossa civilização.



O alquimista, pintura de David Teniers, o Jovem (1610-1690), depositado na Real Galeria de Arte de Mauritshuis, em Hague, na Holanda. Repare-se nos diferentes tipos de alambiques para a destilação das essências.

A investigação toxicológica foi o domínio da ciência que mais evoluiu a partir da Renascença até aos nossos dias, transformando os venenos mais perniciosos em aliados da medicina moderna. Isso deveu-se a Paracelso⁴, um médico e alquimista de origem suíço-alemã que no século dezasseis revelou pela primeira vez a natureza química dos venenos. Através da experimentação estudou a acção dos venenos, e ao introduzir o conceito de dose tornou-os em aliados da ciência. A molécula química dum veneno pode ser transformada num antitóxico. Este foi um dos princípios mais inovadores da ciência e da química moderna.

Em todo o caso, importa dizer que o galenismo – doutrina médica inventada por Galeno, baseada nos quatro humores que provocam as doenças: o sangue, a bília, a fleuma e a atrabile⁵ – dominou a medicina e a farmácia até aos finais do século XVII. E a teriaga

enquanto medicamento continuou a ser aconselhada por boticários e prescrita por médicos até ao século XVIII⁶. Todavia, a sua replicação por charlatães foi-lhe retirando prestígio e credibilidade. É curioso que nas Farmacopeias do século XIX ainda aparece citada a teriaga como medicamento aplicável às mais díspares enfermidades, sendo que a maioria dos médicos já se tinha apercebido que a sua eficácia era mais do foro psicossomático do que científico. A existência da cobra na sua composição continuava a ser a imagem de marca.

A simbologia da cobra na Ciência e na História

Na verdade, a cobra representa o signo da transmutação e tem uma simbologia muito rica. Assume os biótipos essenciais da vida, isto é, a regeneração, a sabedoria, o psiquismo, a sensualidade e a cura. O facto de a cobra mudar de pele periodicamente dá-lhe o sentido da transmutação como efeito de regeneração e sabedoria, isto é, renova-se fisicamente e adquire um novo alento para assimilar ideias, projectos e aspirações – tudo isto, é claro, no plano humano. A serpente personifica a nossa força de adaptação às metamorfoses da vida, daí englobar a força da criação – a sexualidade e a fertilidade, a energia psíquica, a regeneração e a imortalidade.

Na história da medicina a cobra assume um significado emblemático, representado pelo Bastão de Asclépio ou Esculápio – um pedúnculo com uma cobra entrelaçada⁷. Tem associado à sua simbologia uma história mítica⁸. O bastão representa a autoridade divina, porque apesar dos esforços médicos cabe a Deus decidir sobre a vida ou a morte. Por outro lado, a cobra, devido à sua transmutação natural, assume o significado da renovação da saúde, e da vida, pelo efeito da cura.

4 O seu nome verdadeiro era Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim (c. 1493-1541), mas ficaria eternizado na História da Medicina sob a alcunha de Paracelso, que significa «superior a Celso». É curioso que este epíteto foi ele que o atribuiu a si próprio, para satisfazer a sua vaidade científica e profissional. Já agora esclarece-se que Aulus Cornelius Celsus foi um célebre enciclopedista romano do séc. I a.C., de cuja vasta obra apenas sobreviveu o livro «De Medicina», publicado em letra de forma em 1478, no qual descreve várias doenças psiquiátricas e seus tratamentos, a preparação de medicamentos com opióides, cirurgias às cataratas, às fraturas e consolidações ósseas, até à remoção invasiva da pedra na bexiga.

5 A doutrina dos humores de Galeno manteve a concepção da medicina hipocrática, segundo a qual havia duas bílis: a bília amarela e a astrabile ou bília negra. Mas na teoria de Galeno os humores tinham temperamentos característicos (quente/frio e seco/húmido), sendo por isso a astrabile responsável pela instabilidade, pela melancolia e pela hipocondria.

6 Cf. Mary Lindemann, *Medicina e Sociedade no Início da Europa Moderna*, Lisboa, Ed. Replique, 2002.

7 Veja-se a imbricada explicação do mito da cobra de Asclépio na inultrapassável obra de Walter Burkert, *Religião Grega na Época Clássica e Arcaica*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

8 Asclépio tornou-se conhecido como o deus da cura na Antiguidade Clássica e foi objeto de culto e de súplica, especialmente pelos pobres e desabonados. As tradições de Asclépio fornecem a introspecção histórica às obrigações e à noção de serviço público dos médicos modernos. Veja-se a propósito o artigo de Bailey JE, «Asclepius ancient hero of medical caring», *Annals of International Medicine*, n.º 124 de 1996, pp. 257-263.

A ciência farmacêutica, por sua vez, tem como símbolo uma taça com uma serpente entrelaçada, no qual a taça representa a cura e a serpente a ciência, mas também pode significar o restabelecimento da saúde em confronto ao veneno. A origem destes símbolos é mitológica⁹.

Note-se que em algumas civilizações proto-históricas, (minóica, suméria, asteca), existiu o culto da serpente (ofiolatria), comprovado por restos arqueológicos, que ainda hoje despertam a nossa curiosidade. Pensamos que a serpente tem uma dualidade simbólica de harmonia entre a vida e a morte, o positivo e o negativo, numa equivalência entre as forças do bem e do mal. Na Bíblia a serpente surge como símbolo de tentação e de engano, mas também de sensualidade, mistério e criação de vida. No Budismo está associada ao poder divino, no Hinduísmo simboliza a renovação e a fertilidade, a energia sexual e vital.

Em suma, a cobra simboliza a força vital, o renascimento, a renovação, o mistério, a tentação, o engano e a morte¹⁰.

O contributo islâmico-oriental na evolução da ciência médica

Os antigos alquimistas, influenciados pela cultura oriental, assim como os boticários e depois os farmacêuticos, desenvolveram novas técnicas físico-químicas, nomeadamente a destilação, sublimação, cristalização e filtração. Introduziram o mel e o açúcar, assim como essências e aromas para corrigir os gostos e cheiros dos remédios. Produziram-se então electuários, xaropes, julepos e conservas, retirando aos remédios o travo amargo da velha medicina. Para as crianças e senhoras os xaropes passaram a ser aromatizados com água de rosas e essência de violetas. A farmácia, como local público, tornou-se mais popular e atraente, caldeando a medicina com a higiene, a cosmética e a perfumaria.

9 A explicação para a generalidade dos mitos associados à ciência pode ser obtida na obra de Pierre Grimal, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, 5ª ed., Lisboa, Difel, 2009.

10 A simbologia da cobra, mas também a de todos os outros ícones que integram e representam os diversos ramos da ciência, pode ser explicitada na obra dirigida por Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, *Dicionário dos Símbolos – mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*, Lisboa, Editorial Teorema, s/d [1994].



A farmácia árabe; ilustração da obra «O Cânone da Medicina», do célebre físico persa Avicena. Repare-se na variedade de vasos, vidros e cerâmicas, contendo óleos, ácidos, essências, especiarias e opiáceos, com que o boticário preparava os medicamentos.

É curioso que esta ideia de tornar o medicamento mais apazível e agradável foi sugerida por Avicena, que passa por ter sido o inventor da pílula moderna, tornando-a mais simpática e apelativa através da coloração dourada ou prateada, conforme a prescrição, e, sobretudo, a bolsa dos doentes a que se destinavam. Foi ele também o primeiro a fazer pensos e compressas, a introduzir clisteres, a usar ampolas, a fazer uso terapêutico de massagens e alongamentos (fisioterapia) para curar lesões musculares e corrigir fraturas ósseas.

A medicina ficou a dever muito a Avicena, não só pela junção da ciência islâmica com a cultura clássica, como também pela introdução de uma nova mentalidade, mais prática, mais experimental e menos empirista. Basta dizer que a medicina no início da Renascença usava mais de duzentas receitas (medicamentos) de origem vegetal, e cerca de trinta de origem exclusivamente animal e mineral. Por conseguinte, no início da Idade Moderna, a medicina era ainda muito incipiente, fundamentalmente naturalista.

O contributo português no progresso da medicina moderna

A medicina em Portugal, tal como nos restantes países da Europa, seguiu a herança da cultura clássica. O primeiro médico português de que reza a memória chamava-se Mendo Dias (sec. XII-XIII). Sabemos que exerceu medicina e ensinou a sua prática no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra em 1130, no tempo do rei D. Sancho I. Mas o primeiro médico português de renome internacional foi o grande Pedro Julião Rebelo ou Pedro Hispano, que todos conhecemos sob o nome de Papa João XXI. Estudou em Paris e Salerno, ensinou em Siena. A sua obra de maior interesse médico, e filosófico, é o *Thesaurus pauperum*, na qual evidencia as influências árabe de Avicena, a par de Galeno e de Dioscórides, referências naturais na sua formação original.

Na história da nossa primitiva farmacopeia assiste-se a um grande desenvolvimento a partir da introdução das especiarias na formulação medicamentosa, de que são exemplo a pimenta, o gengibre, a canela, a cânfora, o aloés, o âmbar, etc. A profissão de boticário, a que corresponde o início da ciência farmacêutica em Portugal, oficializa-se em 1338 num diploma promulgado por D. Afonso IV. A escassez de boticários no reino fez, porém, com que D. Afonso V mandasse vir de Ceuta o árabe Mestre Ananias, que trouxe consigo mais alguns especialistas na matéria. Para proteger e dignificar a profissão, publicou-se em 1449 a "Carta de Privilégios dos Boticários"¹¹.

Para evitar conflitos de interesses, o rei D. Afonso V, em 1461, instituiu a separação entre as profissões médica e farmacêutica. Segundo o diploma régio, os médicos e os cirurgiões ficaram proibidos de preparar e de vender medicamentos; em contrapartida, os boticários ficavam impedidos de aconselhar qualquer medicamento aos doentes. Em 1561 publicou-se um Alvará régio que veio reforçar ainda mais a distinção social e profissional entre médicos, cirurgiões, boticários, especiareiros, barbeiros e sangradores. Mais tarde atribuiu-se apenas aos médicos o privilégio de usufruírem do trato social

de doutor, por ser a medicina a única arte de curar vigiada e controlado por uma instituição independente – a Universidade.

Na transição para a era moderna assistiu-se em Portugal à fundação de várias e distintas instituições assistenciais: hospitais, albergarias e gafarias, inspiradas na misericórdia e na piedade cristã, mas sob patrocínio e protecção régia. A maioria dessas instituições permanece ainda hoje activa, sob a histórica designação de Misericórdias, cujo objectivo era auxiliar na doença e na morte os mais desfavorecidos. Todas dispuseram dos seus profissionais de saúde, médicos, cirurgiões e sangradores, assim como de botica e boticário particular. A enfermagem ficou desde os primórdios da assistência e da solidariedade social, ao cuidado dos religiosos conventuais¹².

Para além do já referido Pedro Hispano (1215-1277), muitos outros grandes nomes da medicina aqui tiveram berço. Enunciarei apenas uma plêiade de cristãos-novos, todos perseguidos pelo Santo Ofício, que elevaram o nome do país aos píncaros da medicina universal. Começo por Garcia da Orta (1501-1568) famoso botânico, introdutor das drogas da Índia na medicina europeia, queimado post-mortem em auto-de-fé pela Inquisição. Em Alcácer do Sal nasceu Pedro Nunes (1502-1578), hebreu de nação, médico e matemático, que mediu o globo terrestre e inventou o nónio. Amato Lusitano (1511-1568), cujo nome era João Rodrigues, judeu de Castelo Branco, representava a Medicina do século XVI, como erudito, anatomista e clínico. Zacuto Lusitano (1575-1642) erudito anatomista, médico pessoal do Papa Júlio III. Jacob de Castro Sarmiento (1691-1762) filho de judeus sentenciados pela Inquisição, emigrou para Inglaterra, onde aplicou as teorias de Isac Newton à medicina, tornando-se membro da Royal Society of London. Ribeiro Sanches (1699-1783), enciclopedista e o mais famoso médico da Europa do seu tempo. Félix Avelar Brotero (1744-1828), médico e botânico de reputação mundial. António José de Lima Leitão (1787-1856), médico epidemiologista, introdutor do ensino da homeopatia em Portugal, foi político e escritor. Para

11 Cf. João Pedro de Sousa Dias, *A Farmácia e a História - Uma introdução à História da Farmácia, da Farmacologia e da Terapêutica*. Lisboa, Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa, 2005.

12 Luís Fernando Carvalhinho Lisboa dos Santos. *Uma História da Enfermagem em Portugal (1143-1973) - A constância do essencial num mundo em evolução permanente*, Lisboa, Universidade Católica, 2012 (policopiado, Tese de Doutoramento).

além destes, muitos mais médicos igualmente famosos no país e na Europa poderia aqui enunciar, correndo, porém, o risco de me tornar fastidioso e de esgotar a paciência do leitor. Para o evitar, remeto os interessados para a consulta da mais recente obra da especialidade¹³.

Os portugueses no Oriente – civilização, cultura e ciência

O advento dos Descobrimentos Portugueses, a descoberta do Novo Mundo e a rota das Índias, abriu outros horizontes, desobstruiu as relações asiáticas e perspectivou um novo espírito científico, mais racionalista e experimental. É disso exemplo o nosso Garcia da Orta, com a sua monumental obra *Colóquios dos simples e drogas he cousas medicinais da Índia*, publicada em 1563 na cidade de Goa. A etnobotânica e a etnofarmacologia desenvolveram-se exponencialmente a partir da colonização portuguesa na Índia, no Brasil, em África, e sobretudo no Japão. No milénar “Dai Nippon” ou “Cipango” (como lhe chamou Marco Polo), designações antigas do grande império japonês, foram os portugueses que introduziram em 1543 as primeiras armas de fogo e em 1592 a imprensa – ocorrência da maior relevância civilizacional. Pode dizer-se que a chegada da imprensa ao Japão deu origem à cultura Namban¹⁴. Como também se pode afirmar que a chegada do portugueses no séc. XVI contribuiu de forma decisiva para a unificação do Japão e inclusivamente para a implantação da identidade japonesa no oriente¹⁵.

Mas, em contrapartida, ignora-se que fomos nós quem introduziu a medicina ocidental no Japão, em 1556, por iniciativa do padre Luís de Almeida, que realizou em Oita (na ilha de Kyushu) a primeira operação cirúrgica, devendo-se-lhe igualmente a criação nessa cidade de uma escola de Medicina, onde estabeleceu depois

13 Para obstar a estas falhas, aconselhamos a consulta da recente obra de Manuel Valente Alves, *História da Medicina em Portugal*, Porto Editora, 2014.

14 Namban, traduzido à letra, significa “bárbaros do sul”, ou seja os portugueses que acabavam de arribar às ilhas do Japão. Acerca da história das relações luso-nipónicas veja-se, a obra de Charles Boxer, que considero fundamental e lapidar para o estudo do assunto: *The Christian Century in Japan 1549-1650*, Los Angeles, University of California Press, 1951.

15 Cf. K. Matsuda. *The Relation between Portugal and Japan*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar e Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1965.

Colóquios dos simples, e drogas he cousas medicinais da Índia, e assi dalgũas frutas achadas nella onde se tratam algũas cousas tocantes a mediçina, pratica, e outras cousas boas, pera saber cõpostos pello Doutor garçia dorta : físico del Rey nosso senhor, viftos pello muyto Reuerendo senhor, ho liçençado Alexos diaz : falcam de senbar-gador da casa da supricaça inquisidor nestas partes.

Com privilegio do Conde viço Rey.

Impresso em Goa, por Ioannes de endem as x. dias de Abril de 1563. annos.

O Colóquio dos Simples, marcou um ponto de viragem na história da farmacopeia ocidental. Garcia da Orta faz a transição da medicina natural para a medicina alopática.

a primeira escola de cirurgia do Japão. Também ali fundou a primeira instituição de solidariedade social – um centro de caridade com um dispensário de leite para bebés e crianças¹⁶. Note-se que na cultura japonesa não era hábito o consumo de leite, nem o de carne de vaca, que por nossa influência passou também a fazer parte da dieta nipónica. Em Bungo, na mesma ilha de Kyushu, o padre Luís de Almeida fundou também a primeira leprosaria do Japão¹⁷. No final da centúria quinhentista introduzimos a planta do tabaco, cujo consumo tornar-se-ia exponencial, suscitando um nicho de mercado favorável aos nossos interesses mercantis.

16 Veja-se o importante estudo de Diego Pacheco, *Luís de Almeida, 1525-1583, Médico, Caminhante, Apóstolo*, separata da revista «Studia», n.º 26, Abril de 1969.

17 Cf. Dorotheus Schilling, *Os Portugueses e a Introdução da Medicina no Japão*, Coimbra, 1937.

Para além disso, fomos nós que inserimos no arquipélago japonês o cultivo da batata, do milho maiz, do feijão e do tomate, dos pimenteiros picantes, dos cactos, aloés e piteiras agaves, plantas que ensinamos a usar não só na alimentação como também na produção de vários medicamentos. Aos portugueses ficaram também a dever a introdução de novas técnicas médicas e instrumentos cirúrgicos, assim como objectos de uso comum, antes desconhecidos, como por exemplo os óculos¹⁸. A diminuição da visão em consequência da presbiopia (vista cansada), muito comum entre os orientais, pode ser compensada com o uso de óculos de lentes biconvexas, cujo sucesso entre os japoneses foi tão assinalável que a sua generalizada utilização já foi considerada como um dos motores civilizacionais do mundo moderno¹⁹.

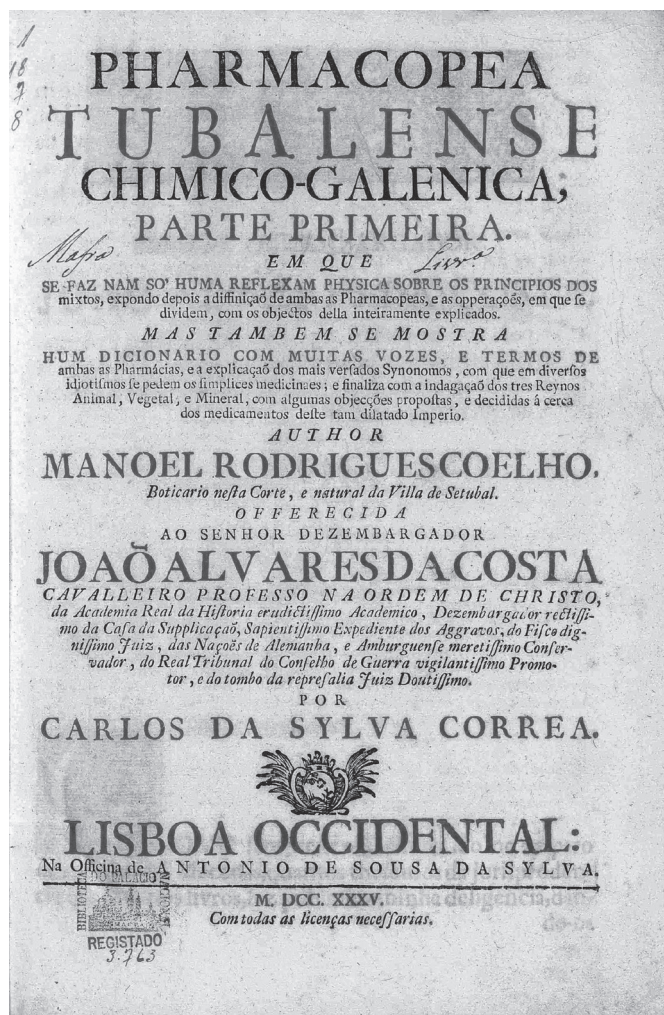
Em abono da verdade pode dizer-se que os portugueses contribuíram de forma positiva e determinante para o progresso da ciência médica, não só na Europa como na Ásia e América, durante os séculos XVI a XVIII.

O efeito da cobra no psiquismo humano

A pedra basilar da medicina tradicional, pseudocientífica, consiste desde longa data no uso e aplicação de partes animais no tratamento das doenças humanas. E quanto mais perigoso e assustador for o animal mais eficazes serão as suas aplicações na terapia das maleitas. O que prevalece desta ideia não é o poder da ciência, mas antes o da magia, da fantasia e do psicossomatismo. A medicina tradicional em todas as civilizações do mundo foi herdeira e vezeira desta regra, que em certos casos ultrapassava os domínios do real. Como se já não bastasse adicionar o fígado das serpentes, acrescentava-se também uma dose de misticismo para convencer os néscios e os ignaros. Por isso, nas fórmulas mais antigas dos alquimistas não

era raro constarem ingredientes insólitos e fantasiosos, como asas luminescentes de insetos, para instilar poderes mágicos às suas poções e elixires.

Também é curioso constatar que, no passado, ciência e superstição andavam próximas. Note-se que na farmacopeia *Medicina Lusitana*, de 1731, mencionava-se o temor das bruxas e dos espíritos maléficos, para cuja rejeição se deveria utilizar cabeças de cobra como amuletos colocados à cabeceira dos enfermos. Na *Pharmacopeia Tubalense*, de 1735, aludia-se ao uso da cabeça da cobra pendurada ao pescoço para acautelar ataques epiléticos. Em tempos mais recentes havia quem recomendasse uma cabeça de serpente seca pendurada ao pescoço para prevenir o contágio da tuberculose.



Frontispício de uma das obras mais marcantes da medicina portuguesa. O psicossomatismo e a etnomedicina são vertentes nela aconselhadas para o exercício da profissão médica.

18 A invenção dos óculos, com lentes correctivas, remonta ao século I do Império Romano, apontando-se o sanguinário Nero como um dos primeiros utilizadores em público. Porém, a invenção das modernas lentes oftálmicas parece pertencer aos alemães, que no século XIII difundiram o seu uso e utilidade por toda a Europa. Quando Johannes Gutenberg, inventou a imprensa com caracteres móveis, incrementou de forma involuntária a procura de óculos. Despontaram na Alemanha vários centros de fabricação de óculos, sobretudo em Frankfurt, Estrasburgo e Nuremberg. No Japão, foram os jesuítas portugueses que em 1551 introduziram o uso dos óculos, mercê da sua oferta por parte do Padre Francisco Xavier ao Senhor de Yamanguchi, o que suscitou a sua gratidão para como os portugueses, abrindo portas à colonização portuguesa no oriente. A cidade de Nagasáqui tornar-se-ia no centro da cultura Namban.

19 Cf. David S. Landes, *A riqueza e a pobreza das nações - Por que são algumas tão ricas e outras tão pobres*, Lisboa, Gradiva, 2001, p. 49.

Não falta hoje quem acredite no poder mágico e protetor da cabeça de víbora. No Norte do país usa-se no forro do casaco como amuleto de boa sorte²⁰. Esta crendice popular assente na cabeça da víbora como fetiche – uma espécie de magnete da sorte e repelente das forças malélicas – tem-se mantido ao longo dos anos, notando-se ultimamente uma procura crescente na serra do Gerês onde a captura de ofídios cresceu exponencialmente, pondo em risco a preservação da espécie e o próprio equilíbrio ecológico²¹. A título de curiosidade se acrescenta que o preço de uma cabeça de víbora-cornuda no mercado feiticista ultrapassa os cem euros²².

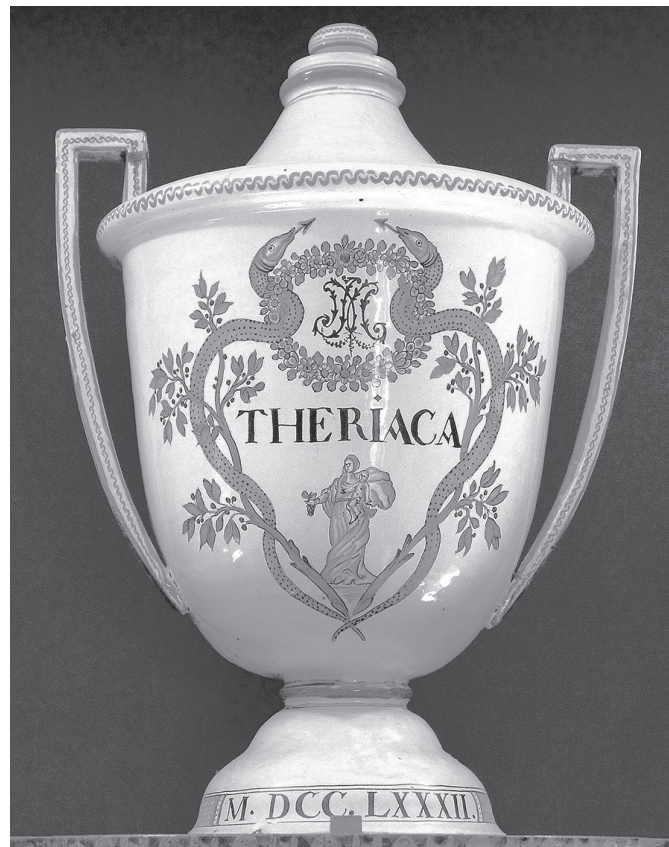
No tempo dos nossos avoengos, para manter aceso o mito da panaceia, a maioria dos boticários compravam ao balcão as víboras das pedras, também chamadas víboras-cornudas (*Vipera latastei*), que são os ofídios mais venenosos que temos no nosso país²³. A ideia que faziam passar para o público é que iriam usá-las na preparação da “triaga”, um unguento ou pomada, para combater precisamente as mordeduras de serpentes, embora apregoassem nas feiras que o seu uso era muito eficaz na acalmia das inflamações, inchaços e dores reumáticas. E não havia botica ou farmácia (designação comercial muito recente) que não tivesse nos seus escaparates um lindo boião de cerâmica alemã com a inscrição gótica: «Triaga». Funcionava como imagem de marca das farmácias.

20 Nas povoações do interior norte, sobretudo nos concelhos nordestinos de Trás-os-Montes, costuma-se cortar a cabeça da víbora, secá-la nas cinzas da lareira (ao borralho) e escondê-la no forro do casaco do homem da casa, ou daquele que garante o sustento da família, por forma a atrair a sorte e proporcionar a protecção do lar contra as forças do mal. As bruxas e os curandeiros (que viviam apartadas do povo nos recessos dos montes), consideravam a cabeça da cobra um amuleto imprescindível.

21 Lembro-me que nos anos oitenta do século passado, nas ruas das Caldas do Gerês vendia-se às claras, a par dos pacotes de chá de hiperião, as cabeças de víboras ou a cobra inteira em garrafas de álcool e de aguardente. Falava-se num comércio anual superior a 500 víboras. A partir de 1981, e por causa da Convenção de Berna, publicou-se o decreto 95/81 que considerou ilegal o comércio ou abate de animais selvagens; mas só em 1989 através do Decreto-Lei nº 316/89, de 22 de setembro, é que foi proibido. Mas, não desapareceu totalmente. Na vila do Gerês ainda se faz à socapa das autoridades. Estima-se que anualmente são ali veladamente transacionadas mais de uma centena de víboras (*Vipera latastei*).

22 Veja-se os artigos de A. Campos, «Víboras em saldo», in *Tal e Qual*, de 21-05-1993, p. 17; «Caçadores de Víboras», in *Público* de 4-4-1998; e de Bruno Pinto, «A víbora-cornuda», in revista *Visão* de 4-03-2013.

23 Acerca deste ofídio, um dos três venenosos, mas não letais, que existem em Portugal, veja-se José Carlos Brito, *Ecologia da víbora-cornuda (Vipera latastei, Boscá 1878) em Portugal e a problemática da sua conservação*, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 2003 (Tese de Doutoramento em Biologia Ecologia e Biosistemática).



Artístico vaso de cerâmica, datado de 1782, destinado a conservar a célebre Teriaga, panaceia universal, cujo principal ingrediente era a carne de cobra.

Essa presunção, esse psiquismo da cobra, perdurou durante séculos na mente humana e na credulidade dos nossos antigos facultativos. Um bicho tão temível e peçonhento, como o era a cobra, haveria certamente de ser útil à medicina, convertendo-se o malefício do seu veneno numa espécie de antídoto da doença e da morte²⁴. Nesta concepção bipolar, do negativo com o positivo, encontra-se subjacente o princípio bíblico da sujeição do mal pelo uso do bem, ou da transformação do mal pela convicção do bem.

O Dr. Ricardo Jorge, prestigiado erudito, e um dos mais célebres facultativos do seu tempo, escreveu as seguintes afirmações lapidares acerca do uso da carne de cobra na concepção de medicamentos,

24 Um dos trabalhos mais sérios e cientificamente mais competentes sobre a importância da cobra na história e na ciência é da autoria de J. Bethencourt Ferreira, *O Ofidismo no seu aspecto histórico e actual*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, Biblioteca de Altos Estudos, 1935, e tem apenas 48 páginas.

particularmente da famosa triaga, que sobreviveu até 1908, como panacea da ciência médica dos nossos antepassados:

«Da carne das víboras com o excipiente de *mica panis*²⁵ boticavam-se tónicos miríficos e cozinhavam-se caldos substanciais que faziam porejar saúde a M^{me} de Sévigné, preconizadora entusiasta dos seus benefícios e com que Madeira Arraes temperava as entranhas do nosso D. João IV (Camilo, *Coisas Leves e Pesadas*). Gozou a carne viperina de tais requintes de favor que atravessou os séculos até às Farmacopeias dos nossos dias. O *Codex medicamentarius* de 1866, vigente ao tempo do nosso curso médico, inscrevia ainda as víboras, um dos múltiplos ingredientes da famosíssima triaga – símbolo por excelência da panacea, a obra magna das oficinas clássicas. Quem quisesse reabilitar a velha fórmula perante os princípios da neoterapêutica e justificar a praxe dos inventores e admiradores da triaga, não precisava de puxar muito. Ainda agora, nada menos que o professor Robin entoava o panegírico da célebre mistela. Afinal, sob a sua aparência disparatada e extravagante, obedecia à ideia fundamental de ministrar substâncias antissépticas incorporadas em albuminoides; dominavam na sua confeição a opoterapia e os anticorpos (Cabanés, *Les remèdes d'autrefois*, 1905).

Bem afirma o ditado que de Março a Abril não há que rir, então apregoava-se o extracto das víboras, hoje o ácido das formigas; e quantas triagas não andam por aí na berra das capas das gazetas médicas?

A cortada de Robin era o panegírico solene de um remédio que durou 1800 anos. O Codex de 84 ousou expulsar a carne das víboras e reduzir os ingredientes a... 57! E assim perdurou até ao ano da graça de 1908. A Farmacopeia deste ano aboliu-a; levou tempo a morrer e a enterrar (Lamy, in *Medicina*, 1909)»²⁶.

Comentário mais expressivo, corrosivo e esclarecido do que este não vi em qualquer obra da especialidade médica ou farmacêutica. Por aqui se comprova que a famosa triaga «símbolo por excelência da panacea, e obra magna das oficinas clássicas» perdurou na

consciência farmacológica quase até aos nossos dias. Apesar da carne de víbora ter sido abolida das farmácias e dos laboratórios bioquímicos, há mais de cem anos, o certo é que as panaceias popularmente designadas por “banha da cobra” permanecem ainda presentes no nosso quotidiano, através da comercialização de produtos sem comprovada eficácia médica, intensa e agressivamente propagandeados pelos média, com o vil propósito de enganar incautos e encher os bolsos a empresas encartadas no charlatanismo impune.

A popularização da banha da cobra

No século XIX as farmácias vendiam dois tipos de medicamentos: os manipulados ou officinais, e os magistrais. Na categoria dos officinais integravam-se os xaropes, elixires, tinturas, extratos, vinhos, conservas, emplastros e unguentos, cuja preparação dependia do conhecimento e capacidade do boticário, cujas fórmulas estavam detalhadas nos códigos farmacêuticos. Os chamados magistrais eram formulados pelo médico para as moléstias específicas de um cada um dos seus pacientes, sendo principalmente poções, cozimentos, colírios, pílulas, emulsões e cataplasmas. Estes medicamentos eram feitos na farmácia sob estrito cumprimento da fórmula (receita) apresentada pelo médico.

Por influência dos alquimistas passou a ferver-se a carne da cobra durante várias horas, para dela retirar a tal “banha”, uma espécie de essência ou natureza intrínseca, que serviria de antídoto no combate dos iguais. Este princípio, o combate dos iguais, ou seja, obter a cura da doença pelo seu agente causador, era muito antigo e foi muito explorado pelos alquimistas. O povo até dizia que “a mordedura do cão, cura-se com o pêlo do cão”, que é precisamente a tradução popular da cura pelos iguais. Mas, na verdade, os boticários ferviam de tal forma a carne da cobra que chegavam ao estado de cautério, fragmentando-a num almofariz até ficar num pó, que depois reservavam em potes de vidro bem visíveis nas prateleiras da botica. Já no nosso tempo era costume pedir-se na farmácia a preparação de um unguento à base do pó da cobra, para aplicação local, contra as inflamações articulares, entorses, contusões, reumatismo, queimaduras, mordeduras e chagas purulentas.

²⁵ *Mica panis* é a denominação em latim de “migalha de pão”. No receituário galénico é expressão usada para indicar ao boticário que deve utilizar farinha de trigo como excipiente na elaboração do remédio.

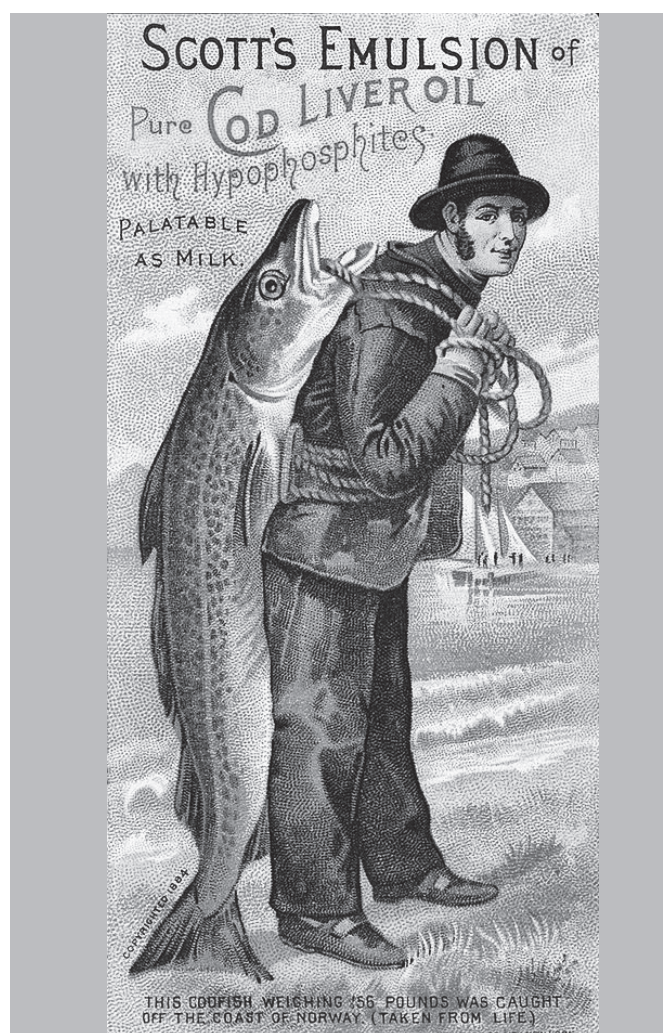
²⁶ Ricardo Jorge, *Amato Lusitano – Comentários à sua vida, obra e época*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, s/d [1962], pp. 31-32.

Como esses unguentos, ou pomadas, eram confeccionados com gordura natural para facilitar a introdução na pele dos tais pós de cobra, o povo começou a designá-los por “banha da cobra”. Certas farmácias começaram a produzir essas pomadas com muito sucesso, sendo que na maioria delas a fórmula não era coincidente, pois que nenhuma entidade regulava ou vigiava a sua manipulação. Talvez porque os médicos vissem nisso alguma leviandade científica, ou mesmo concorrência desleal, espalhou-se por todo o lado que a “banha da cobra” era simplesmente um placebo, sem qualquer eficácia terapêutica nem comprovação científica. A pomada em si praticamente desapareceu. A comunidade científica há muito que concluiu que a mesma não passava de uma charlatanice para enganar papalvos. No entanto, temos assistido nesta recente invasão das “chinesices” aos mercados europeus, à introdução de um neo-exotismo, de que tem resultado o aparecimento de novos unguentos para fins semelhantes aos da banha da cobra, mas agora com a designação de uma qualquer “banha de tigre vermelho”.

Podia aqui apresentar vários exemplos de medicamentos do tipo banha da cobra, isto é, evidências óbvias de pseudociência ou de negacionismo da ciência, vulgo da charlatanice, da intrujice e da vigarice popular.

A partir da segunda metade do século XIX, mercê do desenvolvimento económico proporcionado pela política Fontista, isto é, levada a cabo pelo ministro Fontes Pereira de Melo, marcada pelos “melhoramentos materiais”, a imprensa da capital começou a publicar anúncios de farmácias e fabricantes de remédios, que anunciavam os seus produtos de uma forma muito apelativa, com ilustrações, texto narrativo e depoimentos de supostos utentes sobre a eficácia do medicamento. Nas décadas seguintes e devido ao crescente número de edições periódicas, vemos que entre 5 e 10% da publicidade inserida respeitava a produtos farmacêuticos, de higiene, cosméticos e fármacos. Por vezes essa publicidade fazia-se directamente aos médicos, com a oferta de amostras dos medicamentos e outros brindes colecionáveis, nomeadamente foto-postais com imagens de grandes monumentos nacionais e internacionais, peças de museus, etc. Muitos desses postais, em cujo verso se anunciava as características dos mais recentes medicamentos, podem ainda hoje ser encontrados em colecções particulares ou nos antiquários.

Outro anúncio muito comum na imprensa oitocentista era o do “homem do bacalhau”. Foi talvez o mais popular e emblemático medicamento da transição do século XIX para XX. Dizia respeito a um produto americano, fabricado nos laboratórios de Filadélfia, comercializado sob a designação de «Emulsão de Scott», feito à base de óleo de fígado de bacalhau, especialmente recomendado para a saúde das crianças anémicas ou que sofressem de raquitismo. O anúncio apresentava a inseparável imagem de um pescador dos mares do Norte, penso que da Noruega ou da Gronelândia, carregando às costas um bacalhau do seu próprio tamanho. É admissível que fosse benéfico para a saúde dos mais jovens, mas o largo espectro de eficácia que dizia cobrir, era falso e dissimulado.



A milagrosa emulsão Scott's, era apenas óleo de fígado de bacalhau, subministrado nas escolas primárias, com um odor intragável, que as crianças sorviam entre lágrimas e vômitos.

As revistas ilustradas que se publicavam com grande êxito, não só em Portugal como em quase toda a Europa, inseriam anúncios de medicamentos à base de cocaína para o tratamento da falta de forças e ânimo triste dos adultos, sobretudo das senhoras, e até mesmo das crianças. Dizia-se que rivalizava no mercado farmacêutico com outros tónicos, como os que eram produzidos à base de heroína, cuja procura e popularidade era muito grande. Em alguns anúncios referia-se que os xaropes à base de cocaína eram preferíveis aos de heroína ou aos de morfina, por serem menos viciantes e mais calmantes, nomeadamente no combate à asma, tosse e pneumonia. Curiosamente lê-se nesses anúncios que se podia misturar o conteúdo dos frascos de cocaína com glicerina para fazer massagens, ou com água e açúcar para facilitar a sua ingestão pelas senhoras e crianças. A ideia e a mensagem que se transmitia nesses anúncios era a de que se podia consumir cocaína sem qualquer perigo, porque se tratava simplesmente de um calmante para tosse persistente e de um analgésico para as dores menos agudas.

Nas revistas e nos jornais do início do séc. XX, eram constantes os anúncios de medicamentos com um largo espectro de eficácia. Ofereciam a cura para a alopecia, artroses, urticária, escarlatina, sarampo, espinhela caída, fígado inflamado, impigens, verrugas, desmanchos e língua áspera, uma doença que nem sequer existia.



Rebuçados de cocaína para a dor de dentes nas crianças!!! Hoje seria crime.

Na «Ilustração Portuguesa» de 1915, que se publicava semanalmente como suplemento do diário «O Século», podia ler-se um anúncio contra a doença mais tenebrosa e traiçoeira do século: “A Sífilis (em todas as suas fases e períodos), moléstias da pele, chagas canceriosas (sic) e todas as doenças provenientes do sangue impuro tratam-se até à cura completa pelo medicamento Depuratol.” E o anúncio não ficava por aqui, acrescentando algumas “vantagens garantidas”, nomeadamente “ser inteiramente inofensivo, podendo ser tomado por crianças e por pessoas de idade avançada”. Isto demonstra a impunidade com que se propagandeavam os medicamentos da banha da cobra, sem qualquer controlo pelas entidades oficiais, permitindo que os charlatães pudessem ganhar fortunas através de placebos que pareciam o Santo Graal da medicina moderna.

Na contracapa da revista «Ilustração Portuguesa», de 1922, consta um anúncio de uma verdadeira “banha da cobra”, neste caso publicitada sob a designação de «Emoneura». O seu espectro de eficácia era verdadeiramente global, prescrevendo-se no tratamento da tuberculose, diabetes, raquitismo, prisão de ventre, passando pela neurastenia e falta de apetite, até à debilidade senil e, espante-se, menstruações irregulares. Significa que era um medicamento que servia para tudo e para todos. Assim, com tão vasta eficácia o seu custo traduzia-se num investimento para utilização familiar. Para creditação popular dizia-se “recomendado por várias autoridades médicas e usado sempre com êxito”, acrescentando que “não é um remédio secreto como todos os seus congéneres”. Com este tipo de esclarecimentos os consumidores poderiam ficar descansados!!! Igualmente global era a sua distribuição comercial, com três revendedores só em Lisboa e três depositários, um dos quais no Rio de Janeiro. Este anúncio identifica claramente o nosso país como centralista, litoral e emigrante. Portugal era Lisboa, as colónias e o Brasil. Foi assim até ao início da década de sessenta do século passado, quando os nossos destinos emigratórios deixaram as rotas atlânticas para se orientarem na direcção da Europa Central.

EMONEURA
MEDICAMENTO-ALIMENTO

Tuberculose, Neurastenia. Suores noturnos; Anemia, Escrofulas. Prostração física. Mens-truações irregulares. Clorosis. Perdas seminaes. Palidez. Linfatismo. Falta de apetite. Hemorragias, Nostalgia, durante a gravidez e lactação. Digestões laboriosas. Afeções osseas das crianças. Diabetes. Raquitismo. Prisão de ventre. Esfalfamento intelectual. Debilidade senil, etc., etc.

Recomendado por varias autoridades medicas e usado sempre com exito.

Não é um remedio secreto como todos os seus congeneres.

DEPOSITO GERAL:
MANUEL J. TEIXEIRA
Rua do Poço dos Negros, 101—LISBOA

REVENDEDORES

LISBOA:
Vicente Ribeiro e Carvalho da Fonseca
Rua da Prata, 157, 1.º
Raul Gama
Rua dos Douradores, 51
Naar Bensliman & C.ª Ld.ª
Rua dos Correiros, 110, 2.º

DEPOSITARIOS

PORTO:
Lourenço Ferreira Dias Ld.ª
153, Rua das Flores, 157
FIGUEIRA DA FOZ:
União Farmaceutica Ld.ª
Rua Fernandes Tomaz, 61
RIO DE JANEIRO:
A. Bebiano & C.ª
Rua de D. Pedro, 114

Emoneura, a panaceia da cura, um exemplo da banha da cobra no século XX.

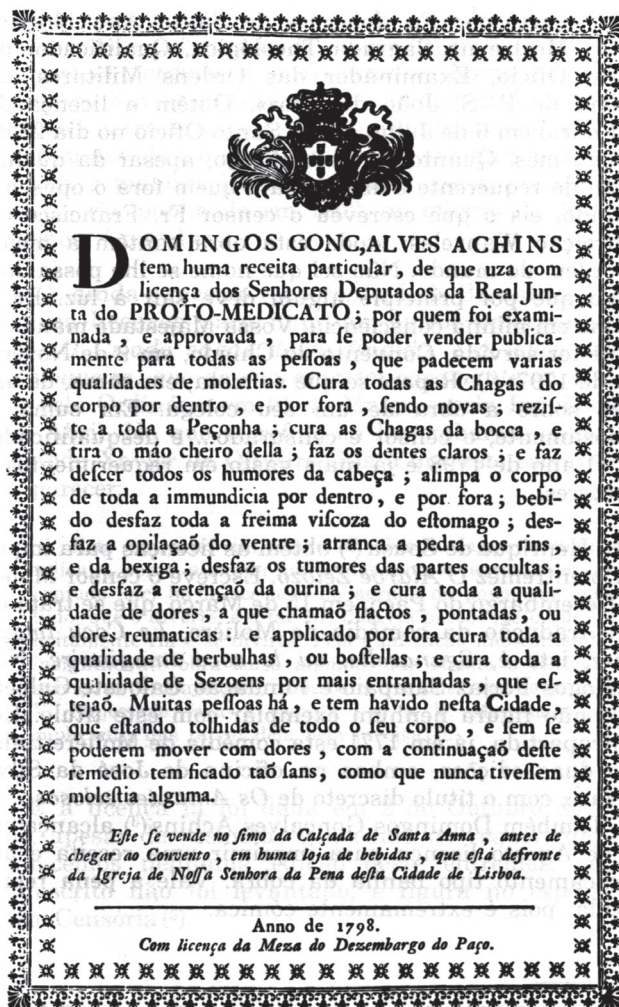
Na revista «Medicina Contemporânea» de 1925 publicou-se um anúncio relativo a um alimento que era em simultâneo um medicamento. Não me recordo de ter visto antes uma droga que se pudesse integrar na dieta diária dos pacientes, ainda por cima com a designação de "Carne Líquida", cuja fórmula constava ser da autoria do Dr. Valdês Garcia, de Montevideo. Talvez o facto de constar o nome de um suposto médico uruguaio, conferisse credibilidade a este "tónico reconstituente de grande poder nutritivo". Nessa revista e na mesma edição constava um anuncio do mesmo âmbito designado por "Vinho Girard" que se dizia "aceite por todos os estômagos e nunca produz os accidentes de iodismo". A base do alegado "medicamento" era o vinho de Málaga, que "tem um sabor agradável e é tomado com alegria pelos doentes mais difíceis". Os mais incautos certamente comprariam a "Carne Líquida" e o "Vinho Girard" para fazerem uma refeição medicinal!!!

Um exemplo setecentista de logro medicinal, tipo "banha da cobra"

O exemplo mais concreto da charlatanice encontrei-o na Torre do Tombo, no núcleo da Real Mesa Censória, através do pedido de publicação de um prospecto anunciador da venda do remédio para todos os males – a verdadeira banha da cobra. Curioso é também o facto de o charlatão não ter vergonha de se identificar como o autor da panaceia – Domingos Gonçalves Achins, de seu nome completo. Presumo que seja descendente de alguma família britânica que se fixou na capital, provavelmente ligado ao comércio de bebidas espirituosas, quicá de whisky, aguardentes e vinhos. Segundo as indicações do folheto, abaixo transcrito, estava estabelecido na Calçada de Santa Ana, perto do Convento da mesma invocação, com uma loja de venda a retalho de bebidas numa das zonas mais centrais de Lisboa, defronte da Igreja da Pena.

Atente-se na composição do texto e no relambório curativo dos males que afectam o corpo, "por dentro e por fora", o que é deveras notável!! Ouçamos então na íntegra este rol de patranhas:

«Domingos Gonçalves Achins tem huma receita particular, de que uza com licença dos Senhores Deputados da Real Junta do PROTO-MEDICATO; por quem foi examinada, e aprovada, para se poder vender publicamente para todas as pessoas, que padecem varias qualidades de moléstias. Cura todas as Chagas do corpo por dentro, e por fora, sendo novas; reziste a toda a Peçonha; cura as Chagas da bocca, e tira o máo cheiro della; faz os dentes claros; e faz descer todos os humores da cabeça; alimpa o corpo de toda a immundicia por dentro, e por fora; bebido desfaz toda a freima viscoza do estomago; desfaz a opilação do ventre; arranca a pedra dos rins, e da bexiga; desfaz os tumores das partes ocultas; e desfaz a retenção da ourina; e cura toda a qualidade de dores, a que chamão flactos, pontadas, ou dores reumáticas: e applicado por fora cura toda a qualidade de berbulhas, ou bostellas; e cura toda a qualidade de Sezoens por mais entranhadas, que estejam. Muitas pessoas há, e tem havido nesta Cidade, que estando tolhidas de todo o seo corpo, e sem se poderem mover com dores, com a continuação deste remedio tem ficado tão sans, como que nunca tivessem moléstia alguma.



Elixir da cura universal, exemplo acabado da banha da cobra, autorizado a vender-se nas ruas da Lisboa setecentista, pelas entidades oficiais e competentes. ANTT, Real Mesa Censória, Processo de Domingos Gonçalves Achins, Agosto de 1798.

Este se vende no simo da Calçada de Santa Anna, antes de chegar ao Convento, em huma loja de bebidas, que está defronte da Igreja de Nossa Senhora da Pena desta Cidade de Lisboa.

Anno de 1798

Com licença da Meza do Dezembargo do Paço.²⁷»

Apesar deste medicamento ser uma autêntica panaceia, capaz de curar tudo, ou quase, o certo é que em 18 de Agosto de 1798 recebeu licença da Real Mesa Censória para poder imprimir o prospecto que

27 ANTT, Real Mesa Censória, Requerimentos, Domingos Gonçalves Achins, Agosto, 1798.

aqui se transcreve e se reproduz. A sua credibilidade começava logo pelo local de venda: "huma loja de bebidas", ou seja, uma taberna onde os doentes pedem licença aos bêbados para se aproximarem do balcão e comprar o remédio dos remédios, capaz de curar o corpo por dentro e por fora. Pior do que isso é saber que esta vigarice teve o consentimento da Junta do Proto-Medicato, "por quem foi examinada, e aprovada, para se poder vender publicamente para todas as pessoas, que padecem varias qualidades de moléstias". Neste chorrilho de mentiras consta ainda esta ideia peregrina, que nada dizendo parece significar tudo: "faz descer todos os humores da cabeça; alimpa o corpo de toda a immundicia por dentro". E se esta zorrupa for bebida, então nem se fala, a sua eficácia é tão milagrosa que desfaz todos os males, triturando pedras e tumores, lavando os lixos do estômago, rins e bexiga: "*bebido desfaz toda a freima viscoza do estomago; desfaz a opilação do ventre; arranca a pedra dos rins, e da bexiga; desfaz os tumores das partes occultas; e desfaz a retenção da urina; e cura toda a qualidade de dores, a que chamão flactos, pontadas, ou dores reumáticas*".

Como é que aprovaram isto não sei, e nem sequer admito que tenham existido quaisquer actos ilícitos na sua legitimação. Apenas admito que os doutores da Junta do Protomedicato homologaram a receita deste pseudo-medicamento para compeliem o público a compreender a diferença entre a verdadeira medicina e o charlatanismo²⁸. O remédio que cura todos os males não existe, senão na cabeça dos pacóvios, dos tolos e dos estúpidos. A banha da cobra foi inventada exclusivamente para enganar os ignorantes.

28 A Junta do Protomedicato foi instituída pela Lei de 17-6-1782 promulgada pela Rainha D. Maria I, dando lugar à extinção das funções de Físico-Mor e Cirurgião-Mor do Reino. Foram nomeados para integrarem a Junta vários médicos e cirurgiões residentes nas principais cidades e vilas do país. Tinha ao seu cuidado a saúde pública, principalmente o exame dos candidatos ao officio de parteira, boticário e cirurgião, conferindo aos que considerassem conhecedores das boas práticas o respectivo diploma. No fundo, competia à Junta combater o charlatanismo e perseguir os falsos médicos. O conceito de cirurgião não corresponde ao actual. Cirurgiões eram técnicos de saúde, que não estavam autorizados a tratar doentes, mas simplesmente a auxiliar os médicos, fazendo lancetamentos para sangrar os pacientes, lançar ventosas e sanguessugas, tirar dentes, curar chagas, etc. A Junta do Protomedicato extinguiu-se em 1802.

Cf. «Jornal da Sociedade Farmacêutica Lusitana», série II, Tomo V, 1854, p. 326-329.

A Reforma Pombalina, o ensino da Farmácia e a criação do regulador para o exercício profissional e para a comercialização do medicamento

Quem regulava e licenciava o exercício da profissão de boticário, de cirurgião e de médico era o Físico-Mor do Reino, um cargo instituído em 25-02-1521 por decisão de D. Manuel I, para legalizar e vigiar as boas práticas da medicina. Este cargo pertencia desde início aos oficiais da câmara do Rei, e servia para designar o médico pessoal do monarca, cujo titular mudava, ou não, conforme a sucessão da coroa. Antes da institucionalização deste cargo sabemos que a validação e certificação dos oficiais de medicina já existia, pelo menos desde o séc. XIV e quase nos mesmos moldes, isto é, sob escrutínio do Físico-Mor. Com efeito, D. Afonso IV, em 1338, para impedir a charlataria e a desconfiança do povo, mandou que todos os ofícios de médico, cirurgião e boticário na cidade de Lisboa fossem examinados pelos médicos da câmara real, ou seja, pelos físicos da corte.

Este é o espírito subjacente a qualquer entidade reguladora do exercício profissional, implícito no Regimento do Físico-Mór do Reino, de 1521, nos estatutos da reforma pombalina de 1772 (que criaram o Dispensatório Farmacêutico da Universidade de Coimbra), da Junta do Protomedicato (por causa da "Viradeira"), e mais tarde na esteira da reforma de Passos Manuel do ensino superior, surgiu em 1836 a criação das Escolas de Farmácia anexas à Faculdade de Medicina de Coimbra e às Escolas Médico-Cirúrgicas de Lisboa e do Porto. Daí para a frente é só seguir as alterações estatutárias do ensino universitário até à criação da Ordem dos Médicos e, à mais recente, dos Farmacêuticos.

Em Portugal a acção política do Marquês de Pombal, como chefe do governo, foi decisiva, não só para o aperfeiçoamento do ensino universitário, como também para a seriedade profissional e credibilidade científica dos profissionais de saúde.

Foi no período setecentista que surgiram os reguladores oficiais, isto é, as instituições de ensino superior, as academias, os institutos e os organismos de vigilância e acreditação dos medicamentos para venda pública. Na verdade, nos finais da centúria das Luzes, as

Regimento

REGIMENTO DO FYSICO MOR.

DOM MANOEL por graça de Deos Rei de Portugal, &c. Fazemos saber, que havendo respeito aos serviços, que temos recebido do Doutor Diogo Lopes, nosso Fyfico, e a seu merecimento, lhe fazemos mercê do officio de nosso Fyfico mór, que vagou por fallecimento do Doutor Manoel Affonso. E vimos o Regimento, que para servir, e usar do dito officio tinha, e lhe mandámos acrescentar algumas clausulas, que nos parecero necessárias, para se melhor fazer o serviço de Nosso Senhor, e assim de nosso Povo, e como se em semelhante officio deve fazer; e ordenamos, que daqui em diante se cumpra, e guarde este nosso Regimento, com os Capitulos, e clausulas, e declarações abaixo declaradas.

1 Primeiramente defendemos, e mandamos, que nenhum Fyfico, assim natural, como estrangeiro, use de arte da sciencia da Fyfica, sem que primeiro seja examinado pelo dito nosso Fyfico mór com os nossos Fyficos, que em nossa Corte andarem continuos, ao menos com dois delles, quaes elle para isso eleger, que serão os mais doutos, e sufficientes, segundo o juizo do dito Fyfico mór; e quando na Corte não houver dois Fyficos, fará a dita examinação com hum; porém havendo mais Fyficos na Corte, fará a dita examinação com todos os que na Corte houver, e ao menos com dois; e não havendo os dois, elle dito Fyfico mór com hum bastará, para fazer a dita examinação, como dito he.

2 A dita examinação havemos por bem, e mandamos se faça na theorica, e na pratica, e assim nos que forem graduados; e a prova da pratica havemos por bem, que baixe por testemunhas, que para ella lhe serão recebidas, dignas de fé, e tantas como parecer ao Fyfico mór, que bastará para se saber a verdade, ou por instrumentos publicos; e a dita prova da pratica por testemunhas, ou instrumentos publicos, será de como o tal Fyfico, que se examinar, praticou dois annos, cumpridos ao menos na companhia de outros Fyficos approvados, e que tenhaõ authoridade, e Carta do Fyfico mór, para poderem, e deverem curar.

3 Além da tal examinação, e prova, posto que o tal Fyfico ha de ser examinado, e havido por sufficiente, e bastante, o dito nosso Fyfico mór o levará consigo por tres, ou quatro vezes ás visitações dos doentes, para ver mais sufficientemente sua pratica, e sufficiencia.

4 Sendo o tal Fyfico, que se examinar, havido por douto, e sufficiente,

O Físico Mor do Reino superintendia a todos os assuntos relacionados com o exercício da profissão médica e da administração da saúde.

boticas adoptaram o espírito mercantil da época, passando a incluir no seu quotidiano a venda livre de medicamentos. A própria botica que até então tinha um ar austero, lúgubre e sigiloso, onde pairava um certo misticismo do passado, peculiar à própria ciência, transformava-se agora num espaço público, amplo, luminoso, cenográfico, com uma estética mais atraente, harmoniosa e confortável, adequada ao novo figurino do barroco emergente. Os armários de madeiras sóbrias e seculares, os vidros grossos de um esverdeado severo, e as faianças de pesados caulinos decoradas com siglas e signos azuis e brancos, emprestavam à botica um aspecto de velho ermitério da ciência, onde os físicos

e cirurgiões costumavam encomendar as suas secretas teriagas e revigorantes elixires, cuja composição adulterava os recomendáveis preceitos da ciência e do bom senso.

Na transição do Iluminismo para o Liberalismo, a velha botica irá incluir no seu espaço a resplandecência e o fulgor estético dos dourados e a pureza do branco, acrescentando-lhe outras tonalidades suaves para transmitir um semblante tranquilo e reconfortante. A botica do antigamente transfigura-se agora na moderna farmácia, onde costumam reunir-se em amena cavaqueira os médicos, com os burgueses e demais influentes da vida política local.

Apesar dos novos reguladores a banha da cobra continua a ter sucesso

Muito embora a regulamentação profissional e a vigilância de qualidade, com base na creditação da lei e da ciência, recrudescessem de eficácia – banindo os falsos médicos e combatendo o charlatanismo – o certo é que a banha da cobra prosseguiu o seu caminho de sucesso, para gáudio dos trapaceiros e dos impostores. A título de curiosidade se deve esclarecer que o epíteto “banha da cobra”, que se atribui aos falsos medicamentos, não remonta aos EUA, conforme se julgava, por ser conhecido palco da medicina ameríndia, em cuja formulação antiga entrava o veneno das cascavéis do deserto. Havia na Europa a ressonância de milagrosos bálsamos e elixires, elaborados com peçonhas de serpentes, trazida pelos antigos marinheiros das companhias comerciais britânicas. Mas, na verdade, foi na Inglaterra que em 1712 Richard Stoughton obteve uma “patente real” para produzir um elixir destinado ao tratamento do estômago fraco e da falta de apetite. Eram as famosas “gotas de Stoughton”, um placebo que obteve grande sucesso nas principais cidades europeias²⁹.



Famoso elixir de Perry Davis, que se dizia totalmente vegetal; continha forte concentração de opiáceos.

Sabemos hoje que em 1750 existiam no Reino Unido cerca de duzentos remédios sob patente, isto é, com autorização oficial para serem comercializados nas farmácias de todo o império. É claro que a par desses vendiam-se muitos mais medicamentos sem qualquer patente nem fórmula química. Nos navios das Companhias Comerciais Britânicas, quer das Índias Ocidentais quer das Orientais, viajaram toneladas de medicamentos, numa faturação astronómica, proporcionando enormes lucros a todo o tipo de charlatães. Após a independência dos EUA foi limitada a importação desses “medicamentos”, passando os empresários americanos a produzir em larga escala a sua própria banha da cobra. Essa sim, teve fama e até prestígio de eficácia.

Outra das patranhas medicinais de sucesso foi o famoso elixir «Pain Killer» patenteado por Perry Davis em 1845, vendido como poderoso analgésico, sem restrições médicas nem entraves comerciais em todos os quadrantes do mundo. Aliás chegou a ser publicitado como um «curativo universal» especificamente recomendado para todo o tipo de dor. Além das farmácias também os missionários que difundiam a fé cristã se encarregaram de assegurar a sua eficácia, e o seu consequente triunfo comercial. O sucesso deste “elixir vegetal” explica-se pela sua composição à base

²⁹ No folheto que circulava nas ruas, para publicitar o novo elixir (que vinha substituir a sua antiga «Tintura estomáquica» ou «Gotas amargas»), Richard Stoughton recomendava o seu remédio para todo tipo de doenças do estômago, pois continha 22 ingredientes distintos e comprovadamente eficazes. Acrescentava até que o doente podia fazer uma dose “generosa” de 50 a 60 gotas com água, cerveja, vinho branco ou se quisesse num cálice de brandy, tantas vezes quantas desejasse!!! Apesar desta óbvia aldrabice o elixir atingiu um sucesso de vendas nunca antes visto, não só no Reino Unido como nas Américas, deixando o Dr. Stoughton pobre de rico. O seu sucesso

fez com que se produzissem inúmeras imitações do elixir, sem respeito pela patente, porque nunca foi registada a fórmula dos seus componentes. Era segredo...

Cf. DAVIES, R.E. «Dr. Richard Stoughton and his great cordial elixir», in *Pharmaceutical Journal*, England, vol. 240, n.º 19, p. 377-381, March, 1988.

ópio diluído em álcool. A concentração de opiáceos anestesiava a dor e entorpecia o doente, imbuindo-lhe o cérebro de uma celestial serenidade e de uma aparente paz interior. Essa dupla tranquilidade, da dor física e do tormento espiritual, justificava o êxito comercial dos vinte diferentes elixires, que se comercializavam em três tamanhos diferentes (conforme se destinassem a crianças, mulheres e homens), mas sempre com a mesma designação "Perry Davis Pain Killer"³⁰. Eram receitados para todas as idades, todo o tipo de dores e de doenças, nomeadamente para o cólera-mórbus epidémico, o que assegurou o seu inusitado volume de vendas em todo o mundo, que se prolongou quase até ao início do século vinte.

Nas últimas décadas de oitocentos, empresários como Perry Davis tornaram-se numa referência de sucesso e de enriquecimento rápido. Por isso foi imitado por empresários da saúde, que mais não eram do que aventureiros e mistificadores de poucos escrúpulos, criadores de beberragens com nomes exóticos e selvagens, cuja eficácia médica era muito duvidosa. Todavia a maioria desses placebos desenvolvia uma propaganda orquestrada no depoimento pessoal. Era muito comum nos circos, nos teatros e sobretudo nas feiras emergirem dentre os presentes alguns "voluntários" que se disponibilizavam para garantir com o seu testemunho a milagrosa acção curativa do elixir que se pretendia vender. Essa técnica de vendas ainda hoje se usa, devido à sua contagiante eficácia. Os mistifórios anunciados nos jornais e até nas paredes das ruas, diziam-se capazes de curar todas as chagas, tanto as do corpo como as do espírito.

Eram desse calibre o famoso "Swamp Root elixir", que traduzido à letra significava "elixir da raiz do pântano", da autoria dos irmãos Kilmer (Andral e Jonas), em cujo rótulo dizia destinar-se a quem sofresse de problemas digestivos, obesidade, retenção de água, doença renal, problemas de vesícula, irregularidades intestinais ou

30 O sucesso de Perry Davis e do seu elixir de ópio, considerada a "wonder drug" do séc. XIX, encontra-se bem descrita na obra de Eric Jameson, *The natural history of quackery*, London, Michael Joseph, 1961. Sobre a história da banha da cobra recomendo igualmente a obra de Stewart H. Holbrook, *The Golden Age of Quackery*, London, The Macmillan Company, 1959. Nestas duas obras podem colher-se dezenas de pseudomedicamentos que alimentaram o comércio mundial dos placebos e da charlatanice. Ambos publicam belas gravuras de cartazes, anúncios e flyers (folhetos) publicitários de remédios mirabolantes.



Publicidade à milagrosa eficácia do "Pain Killer", contra queimaduras, cortes com facas, acidentes de trabalho, etc.



O depurativo Swamp Root, diurético e laxante, de duvidosa eficácia.

doenças hepáticas. Era mais conhecido pelo elixir do Dr. Kilmer's, e tornou-se num sucesso de vendas entre 1895 e 1940, supostamente infalível para a pedra no rim e para a cura das doenças do fígado³¹.

Os medicamentos para terem sucesso tinham de apresentar designações relacionadas com o velho Oeste americano. Este exemplo da "Raiz do Pântano" associado ao nome de um suposto médico, Dr. Kilmer, trouxe à evidência que os consumidores acreditavam na medicina natural, e que já não era necessário colar a imagem da cobra ao medicamento ou à zarropa que se pretendia vender para que se tornasse num sucesso. Bastava ligá-lo a uma planta selvagem, um cacto, uma flor, um rizoma, um fruto desconhecido de África ou do deserto americano, para o seu sucesso estar garantido. A gente ignara acreditava mais no naturalismo e na destilaria homeopática do tipo banha da cobra, do que nos medicamentos químicos da medicina alopática.

31 A produção e o nível comercial da empresa dos irmãos Kilmer era tão importante que até editava uma revista, em forma de almanaque, com o estrito objectivo de propagandear os seus elixires. Cf. Dr Kilmer & Co. *Swamp-Root Almanac - Dream Book*, New York, J.B Savage Co. Printers, 1931.

Na verdade, os EUA eram o palco privilegiado para o sucesso dos medicamentos que prometiam um espectro de cura muito variado, tornando-se num oásis do charlatanismo. Atente-se no exemplo do «Vegetable Compound» (Composto de Vegetais) da autoria da senhora Lydia E. Pinkham, um elixir para suavizar as dores da menstruação e da menopausa. Foi o primeiro "medicamento" a apresentar no rótulo a imagem de uma mulher, cuja pose era muito semelhante à da própria rainha Vitória³². Quando a professora primária do Massachusetts, então com 56 anos de idade, decidiu cozer uma mistura de plantas, à base de raízes, sementes e álcool, para aliviar as cólicas menstruais, estava a pensar em ajudar as mulheres pobres. A sua intensão era altruísta. Mas os filhos usaram o caridoso gesto da mãe para erguerem uma campanha publicitária, usando como imagem de marca o bondoso rosto daquela que os desfavorecidos tanto incensavam. Em breve o «Vegetable Compound» tornava-se num dos medicamentos mais célebres do seu tempo, proporcionando à família Pinkham avultados meios de fortuna. É claro que o composto vegetal só tinha eficácia naqueles que acreditavam cegamente nos seus benefícios, porque na verdade não passava de um placebo naturista.

No declinar da centúria oitocentista, talvez por causa das teorias antropológicas do evolucionismo de Darwin e do oponente difusionismo, assistiu-se a um recrudescimento do apreço pela natureza, na sua bipolaridade fauna-flora, de tal modo que se desenvolveram novas correntes de interpretação naturalista da vida humana. A par dos novos tempos assiste-se ao desenvolvimento do conhecimento botânico e à ideia de buscar nas plantas a solução medicinal para as doenças antigas, explorando os sítios mais recônditos do planeta na busca de novas espécies para fins farmacológicos. As folhas, frutos, sementes e raízes das mais exóticas plantas, eram esmagadas, maceradas, porfirizadas, cozidas, dissolvidas e até carbonizadas para delas se extraírem essências e bálsamos, fazendo-se o seu consumo por ingestão, aspiração, ou fricção na pele, músculos e articulações.

32 Veja-se o capítulo «The Lady of Lynn, Mrs. Pinkham», na obra de Stewart Holbrook, *The Golden Age of Quackery*, Collier Books, 1959, pp. 63-70

Face ao sucesso dos unguentos, xaropes e elixires, que se vendiam mais facilmente do que certos licores, assistiu-se ao aparecimento de cada vez mais produtos, cuja promoção alcançava por vezes as proporções de um circo, que se montava em todas as feiras e nas principais concentrações festivas dos EUA. Daí nasceu a imagem do propagandista da banha da cobra, que depois também surgiu na Europa, vendendo todo o tipo de produtos, desde cosméticos, perfumes, acessórios de higiene, espartilhos para senhoras, e sobretudo as famosas pomadas para o reumático, balsamos para as dores, elixires para a falta de forças, xaropes para a tosse e catarro, enfim uma catrefada de mezinhas, a que não faltava sempre uma assistente que trazia à volta do pescoço ou enrolada nos braços, uma ou mais cobras que atraíam os olhares dos mais ignorantes e temerosos compradores.

A evolução histórica da farmacologia e da medicina contemporânea

– A centúria setecentista

Nos finais do século XVIII, na esteira do Iluminismo e das ideias vanguardistas insufladas de França, pairava por toda a Europa um novo racionalismo, mais experimental, assertivo e positivista. Nos domínios da ciência assistiu-se à afirmação da química, com Lavoisier a fornecer-lhe a carta de alforria, consubstanciada em novos conceitos e novas leis sobre os próprios elementos químicos e a conservação das massas. O estudo dos gases por Joseph Black, a descoberta do hidrogénio e do oxigénio, as leis de Proust, a taxinomia naturalista de Lineu (nomenclatura binominal científica), essencial para a identificação e diferenciação das espécies – são alguns dos progressos mais marcantes na época.

O novo espírito científico, racionalista e positivista, pôs termo ao empirismo galénico. A tecnologia ascende à vida quotidiana pela mão da revolução industrial britânica, invade os sectores mercantil, portuário e dos transportes. A indústria do vidro incrementa os laboratórios das ciências experimentais, favorecendo particularmente a química, cujas descobertas revolucionam a farmacologia e a medicina.

MRS. LYDIA E. PINKHAM, OF LYNN, MASS.,

Woman can Sympathize with Woman.



Health of Woman is the Hope of the Race.

Yours for Health
Lydia E. Pinkham

LYDIA E. PINKHAM'S VEGETABLE COMPOUND.

Is a Positive Cure

for all those Painful Complaints and Weaknesses so common to our best female population.

It will cure entirely the worst form of Female Complaints, all ovarian troubles, Inflammation and Ulceration, Falling and Displacements, and the consequent Spinal Weakness, and is particularly adapted to the Change of Life.

It will dissolve and expel tumors from the uterus in an early stage of development. The tendency to cancerous humors there is checked very speedily by its use.

It removes faintness, flatulency, destroys all craving for stimulants, and relieves weakness of the stomach. It cures Bloating, Headaches, Nervous Prostration, General Debility, Sleeplessness, Depression and Indigestion.

That feeling of bearing down, causing pain, weight and backache, is always permanently cured by its use.

It will at all times and under all circumstances act in harmony with the laws that govern the female system.

For the cure of Kidney Complaints of either sex this Compound is unsurpassed.

LYDIA E. PINKHAM'S VEGETABLE COMPOUND is prepared at 233 and 235 Western Avenue, Lynn, Mass. Price \$1. Six bottles for \$5. Sent by mail in the form of pills, also in the form of lozenges, on receipt of price, \$1 per box for either. Mrs. Pinkham freely answers all letters of inquiry. Send for pamphlet. Address as above. Mention this Paper.

No family should be without LYDIA E. PINKHAM'S LIVER PILLS. They cure constipation, biliousness, and torpidity of the liver. 25 cents per box.

Sold by all Druggists.

Anúncio do composto vegetal para alívio das dores íntimas das senhoras. O rosto vitoriano da Sr^a Lydia Pinkham conferia ao elixir a qualidade e eficácia que verdadeiramente não possuía.

Os surtos epidémicos, tão constantes quanto assustadores no espaço europeu, dão lugar a uma política de medicina preventiva, surgindo então os primeiros ensaios vacínicos levados a cabo por Edward Jenner. A vacinação anti-variólica torna-se um sucesso, que servirá de exemplo ao progresso científico da vacina, como meio preventivo de combate epidemiológico. A vacinação das forças militares servirá de modelo e exemplo para a sua implementação social.

A higiene pública, nesta transição de século, será também alvo de fortes mudanças. Desde logo a proibição de enterramentos nas igrejas, a construção de cemitérios públicos, a recolha de lixo e a interdição de estrumeiras e monturos, limpeza das fontes aquíferas de abastecimento público, o afastamento do casco urbano dos açougues e matadouros, a divulgação dos modernos preceitos de higiene, tais como abluções regulares do corpo e saponárias para lavagem da roupa interior e, por fim, a vigilância dos mercados para impedir a transação de alimentos avariados, sobretudo as farinhas de panificação, por constituírem a base da alimentação popular³³.

– A centúria oitocentista

A evolução do conhecimento científico no século XIX foi assombrosa. A Alemanha tornou-se numa potência industrial moderna com base na produção de aço, de maquinaria, de armamento, mas também de químicos, e principalmente de medicamentos. Apesar do aparecimento oficial da homeopatia – a química e a farmácia faziam um casamento feliz na velha Alemanha. Publicaram-se as primeiras farmacopeias oficiais e o Estado assumia a normalização dos medicamentos. As substâncias químicas em interacção com os sistemas biológicos transformam-se em substâncias farmacêuticas, dando lugar ao medicamento e à sua consequente produção industrial.

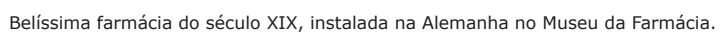
O século da burguesia – destacado pelo aumento da produção industrial e da riqueza financeira, mas

também pelas lutas operárias – ficou no sector da ciência e da investigação científica desde logo marcado pela inovadora teoria celular idealizada pelos cientistas Matthias Jakob Schleiden e Theodor Schwann, que fundamentaram a biologia como ciência autónoma. Igualmente inovadora foi a concepção evolucionista do naturalista Lamarck, a que Charles Darwin, com a sua obra sobre a origem e evolução das espécies, deu melhor seguimento científico. A dinâmica da natureza vista pelo geólogo Charles Lyell, a que se devem acrescentar as investigações anatómicas e histológicas de Xavier Bichat. A teoria atómica de John Dalton a partir da teoria corpuscular de Boyle foi verdadeiramente inovadora. O mesmo se pode dizer da farmacologia experimental do médico neurologista e fisiologista francês François Magendie que estudou a ação da morfina e da estricnina na medicina, para além de ter introduzido na investigação médica laboratorial a utilização de animais como cobaias.

As novas tecnologias laboratoriais facilitaram a investigação e preparação industrial de novos medicamentos. Com o surgimento da corrente Positivista intensificou-se a fisiologia experimental com Claude Bernard, a que se juntariam depois os estudos da microbiologia e da bacteriologia por Louis Pasteur e Robert Koch. A crescente laboratorialização das ciências médicas facilitou a descoberta das bactérias, dos vírus e parasitas causadores das doenças infecciosas. Depressa a microbiologia se transformou em ciência. E a química dispersou-se em diversas áreas científicas.

As leis da genética causaram sobressalto, mas fizeram escola. A patologia celular de Rudolf Virchow foi um grande avanço na ciência médica, por explicar que a doença tem origem na célula, dando como exemplo a leucemia que começa com alterações estruturais das células. No campo da cirurgia médica não podemos esquecer Joseph Lister, quando em 1865 demonstrou a importância do fenol (ácido carbólico) como agente antisséptico no combate às infecções no período pós-operatório, cujo número de vítimas baixou para um índice insignificante. A descoberta de novos anestésicos, como o éter e o clorofórmio, foi decisiva para o sucesso médico das “grandes cirurgias”, não só nos casos de fraturas e amputações ósseas, como também nas intervenções invasivas.

33 Estas indicações e outras de fomento à salubridade pública foram amplamente divulgadas pelo nosso país, sobretudo através das autoridades locais, civis, militares e religiosas. Veja-se o nosso estudo *Para a História da Saúde no Algarve. As epidemias de cólera-mórbus no século XIX*, separata da revista «Al-Úlyà», nº 15, edição do Arquivo Municipal de Loulé, 2015.



Nas últimas décadas de oitocentos desenvolve-se a industrialização do medicamento. Surgem novas especialidades farmacêuticas, e intensificam-se os programas de higiene e saúde pública. O marketing e a publicidade, sectores ainda incipientes na vida quotidiana, despontaram no mundo farmacêutico, nem sempre da forma mais correcta e honesta.

– A centúria novecentista

No decurso do século XX assiste-se a um recrudescimento tecnológico com espantoso reflexo nas ciências médico-farmacêuticas. A química tornou-se na subsidiária principal da farmácia, dando origem a novos medicamentos e novas formas farmacêuticas, como comprimidos e injectáveis. Isto permitiu o surgimento de novos grupos medicamentosos. Mas certos fármacos continham substâncias que hoje são consideradas perniciosas à saúde e ao bem-estar natural. Viabilizavam-nos as campanhas publicitárias, intensas e agressivas. O mercado farmacêutico viu-se invadido pelos chamados medicamentos placebo. O público acreditava em tudo face ao assombroso desenvolvimento da medicina.

O século XX foi palco das mais incríveis descobertas científicas cujo resultado prático foi decisivo para o progresso da humanidade. Atente-se, por exemplo, na descoberta da insulina, em 1921, por Banting, Macleod e Best, proporcionando melhor qualidade de vida aos diabéticos. Em 1928 Alexander Fleming descobria a penicilina, dando à humanidade o poder antibiótico e a ilusão de extermínio dos vírus e bactérias letais. Em 1932 Gerhard Domagk descobre as sulfonamidas e as infecções por micro-organismos, de efeitos altamente perniciosos, principalmente na guerra, reduzindo-se o seu grau de perigosidade para um índice quase insignificante. Em 1943, Selman Waksman, inspirado na penicilina de Fleming, descobre a estreptomicina que foi decisiva, quase miraculosa no tratamento da tuberculose, um dos maiores flagelos da humanidade. No ano seguinte surgiu a primeira vacina contra a gripe, cujo vírus mutante foi e continua a ser bastante mortífero.

Notável foi igualmente o estudo do sangue, de que resultou a descoberta dos tipos sanguíneos e dos factores Rh, tão importantes para a implementação das transfusões nos doentes intervencionados e no pós-

operatório. As décadas de trinta e quarenta marcaram um grande avanço na história do sistema ABO e do Fator Rh. A compatibilidade sanguínea levou ao desenvolvimento da ciência e dos procedimentos médicos, sobretudo ao avanço da bioquímica e à aplicação de novas técnicas analíticas – a ultracentrifugação, a electroforese e a cromatografia.

A descoberta em 1948 da cortisona – uma hormona esteróide que produzimos de forma natural no córtex – foi um enorme avanço científico, pois permitiu a sua produção sintética em diversificados medicamentos anti-inflamatórios e imunossuppressores. Em 1952 o Dr. Henri Laborit introduziu a clorpromazina no tratamento psiquiátrico obtendo nos anos seguintes resultados altamente positivos no tratamento da esquizofrenia. A partir das décadas seguintes, as doenças do foro psiquiátrico puderam ser apoiadas com novas drogas, de que resultaram índices de sucesso muito elevados. No ano seguinte, em 1953, James Watson e Francis Crick publicaram os seus estudos sobre a estrutura do ADN, concluindo que é composto por uma dupla hélice, entrelaçada e bastante forte, que pode replicar-se sem se desenlaçar num modelo tridimensional. A partir daí a Biologia sofreu enorme progresso científico, e o código genético humano deixou de ser um enigma. E dois anos depois, em 1955, o cientista americano Jonas Salk descobriu a primeira vacina contra a Poliomielite, uma doença terrível também designada como paralisia infantil. Até essa data era uma doença devastadora, com surtos epidémicos aterradores, sobretudo para as crianças dos bairros pobres, embora o vírus não escolhesse classes nem raças, deixando milhões de crianças aleijadas e incapacitadas para o resto das suas vidas. Um dos doentes mais famosos da poliomielite foi o presidente americano Franklin Roosevelt, que apesar de depender de uma cadeira de rodas dispunha de uns moldes de aço para poder erguer-se e aguentar-se de pé, quando precisava de discursar ou de afirmar a sua proeminência nas conferências e negociações oficiais da II Guerra Mundial.

Em 1954 John F. Enders e Thomas C. Peebles, isolam o vírus do sarampo e em 1963 surge a primeira vacina. O índice de vítimas anuais do sarampo baixa drasticamente. Estas duas doenças, a poliomielite e o sarampo, foram alvo de intensas campanhas de vacinação, de que

resultou praticamente a sua erradicação mundial. A última campanha mundial de vacinação foi contra a hepatite B, realizada em 1981, com resultados muito positivos, cujo exemplo tem sido sucessivamente replicado em todo o mundo.

No âmbito das ciências farmacêuticas surgiram novas alternativas, como a biofarmácia e a farmacocinética, dando lugar a inovadores sistemas terapêuticos. O mundo das biotecnologias torna-se num influente núcleo de desenvolvimento de novas drogas e fármacos. O fenómeno da globalização estendeu-se às áreas da saúde e do medicamento, a ponto dos laboratórios farmacêuticos se transformarem em empresas multinacionais, cotadas nas principais bolsas de capitais.

Os últimos sucessos comerciais da banha da cobra

Não vou aqui enunciar os inúmeros casos de embuste médico-terapêutico surgidos nos média ao longo do século XX, anunciados como amplamente eficazes no tratamento das doenças, algumas delas incuráveis! Esses produtos, na verdade, são aquilo a que podemos chamar placebos, pseudomedicamentos ou terapias inertes, propalados de uma forma sugestível e numa estratégia de convencimento psicológico, cuja eficácia sobre os padecimentos depende da fé do consumidor sobre os seus poderes. Havia doentes que afirmavam sentir melhoras no seu estado de saúde, quando na verdade o que sentiam era apenas a sugestão veiculada pelos média sobre a eficácia milagrosa desses placebos.

Na década de oitenta, no século passado, os jornais, a rádio e até a TV, faziam alarde de diversas mesinhas, amuletos e até palmilhas com a milagrosa terra do Santuário de Fátima, capazes de restabelecer a saúde, afastar o mau olhado e atrair a boa fortuna aos que já estivessem desacreditados dos médicos. Vendeu-se como água um creme adelgaçante que, adjuvado por uma fina película de plástico aderente, em poucos minutos provocava um calor intenso e sudorífico, semelhante ao da sauna, que fazia reduzir centímetros nas ancas e coxas. Com aquele creme derretiam-se em poucos dias as gorduras acumuladas ao longo duma vida. Promessas de saúde, bem-estar e beleza, são um nicho de mercado muito favorável ao embuste, diria até convidativo ao comércio dos placebos vulgarmente designados por banha da cobra.

O exemplo mais flagrante do charlatanismo pós-moderno surgiu no final da década de oitenta com a famosa Pulseira Tucson, cujos pólos de cobre colocados para cima do pulso eliminavam o stress, diminuía a ansiedade, equilibravam a mente e a tranquilidade física; mas virado para baixo assegurava um sono profundo. Enfim, a pulseira milagrosa prometia devolver a saúde aos que sofriam os flagelos da doença. Desde a Idade Média que se falava das propriedades anti-radioactivas e curativas do cobre. Dizia-se que o cobre possuía a capacidade de influenciar a circulação sanguínea. Os especuladores afirmam que o cobre fortalece o sistema imunológico, previne a febre, resguarda o corpo de infecções e de calafrios. É claro que tudo isto são suposições e crenças sem fundamento científico. Mas não é tudo. Os especialistas em metalografia, apregoam conhecer as propriedades físicas e a composição química dos metais, pelo que não têm dúvidas quanto às faculdades terapêuticas do cobre. Consideram que sendo o cobre um metal forte, possui poderes que equilibram os centros nervosos do cérebro e auxiliam no tratamento de doenças artríticas do foro músculo-esquelético. Chegam mesmo a dizer que o cobre ameniza distúrbios mentais do foro psicossomático que geram distúrbios de angústia e de impotência sexual.



A famosa pulseira Tucson, considerada a maior banha da cobra do século XX.

Em contrapartida também auxilia a mulher durante a menstruação, amenizando as dores e o desconforto físico!

Todas estas afirmações sobre as potencialidades terapêuticas do cobre, não têm alicerces de credibilidade científica, isto é, não se baseiam na demonstração laboratorial, sendo por isso fácil de perceber que a pulseira Tucson foi um absoluto embuste – aquilo a que o vulgo designa por banha da cobra.

O exemplo mais recente data de meados de 2007, tratou-se da famosa Power Balance, um bracelete de plástico com um disco ao centro envolvendo um holograma, que se dizia possuir poderes terapêuticos para melhorar o equilíbrio, o estado físico, a flexibilidade e curar as doenças crónicas de que padecesse o seu utente. Para lhe conferir reputação vendia-se a um preço elevado. Os seus inventores declaravam que o segredo da pulseira residia na sua inovadora “tecnologia holográfica” que fazia ressonância com os campos energéticos do corpo humano, assegurando o incremento da agilidade e do equilíbrio. Por isso o seu uso foi adoptado por atletas de diferentes modalidades desportivas, alguns deles muito famosos como o basquetebolista Shaquille O’Neal, o piloto de automóveis Rubens Barichello, e os futebolistas David Beckham e Cristiano Ronaldo. O exemplo transmitido por essas figuras públicas entusiasmou os incautos a adquirirem a pulseira milagrosa, para poderem experimentar os poderes “mágicos” daquele que se dizia ser o maior invento da tecnologia moderna. Só por efeito mimético do público é que se explica o sucesso obtido por aquela insignificante pulseira de silicone que só em Espanha vendeu quase meio milhão de exemplares.

Em todo o caso, o que levou as pessoas a acreditarem na eficácia das pulseiras foi um teste ensinado aos vendedores, um truque de circo, para testar o equilíbrio, força e flexibilidade dos compradores. À primeira vez – e sem a pulseira no pulso – todos se desequilibravam. Mas repetido o teste - com a pulseira no pulso - isso já não acontecia, dando a sensação de ficar comprovado que a pulseira possuía, de facto, um efeito tonificante e estabilizador do corpo. Por isso ficou conhecida como a Pulseira do Equilíbrio, comercialmente designada por Power Balance. Depressa se percebeu que essa pulseira de silicone era mais uma charlatanice engendrada pelos acostumados oportunistas do mercado, que envolveram o

produto num palavreado repleto de expressões científicas, que lhe davam um semblante de reputação e confiança. Mas como os lesados reagissem nas redes sociais contra esta vigarice e os próprios meios de comunicação criticassem as figuras públicas que lhe davam crédito publicitário, gerou-se uma onda de contestação mundial que obrigou a empresa fundadora da Power Balance a emitir uma nota de esclarecimento na qual desmentia os efeitos terapêuticos da pulseira e assegurava o reembolso do valor aos lesados que apresentassem a sua reclamação. No fim, a verba restituída foi insignificante e os lucros obtidos foram gigantescos.

O embuste, a banha da cobra, saiu mais uma vez vencedora perante um mercado de consumidores que não têm quem os defenda destes charlatães que ciclicamente inventam um novo embuste. Curiosamente as mais recentes vigarices não diferem muito do exemplo das pulseiras milagrosas, mudando apenas de aspecto e de local – em vez de serem aplicadas nos pulsos passaram para as pernas, como se fossem pólos geradores de campos magnéticos capazes de eliminar as dores do corpo!

A banha da cobra é sempre a mesma, porque o prazer psicótico da fraude não se refreia perante a ganância de lucros tão arrebatadores. O que muda é a embalagem, isto é, o design e o marketing, porque a finalidade é sempre a mesma, sendo inclusivamente comum à mensagem hipocrática: submeter a dor e o sofrimento, vencer a doença. A diferença é que os charlatães visam apenas o lucro pelo embuste, enquanto os médicos e a medicina validam a ciência no confronto com a doença e o padecimento, na quimérica ilusão de triunfarem sobre a morte.



O maior embuste do século XXI foi a pulseira do equilíbrio, a «Power Balance», promovida pelas estrelas do desporto através dos meios de comunicação.

- BASSO, Paula. *A Farmácia e o medicamento. Uma história concisa*, Lisboa, ed. Correios de Portugal, 2004.
- BASSO, Paula; e Luís Manuel de Araújo. *A Farmácia no mundo pré-clássico e nas culturas tradicionais*, Lisboa, edição da Associação Nacional de Farmácias e do Museu da Farmácia, 2008.
- DIAS, José Pedro Sousa. *A Farmácia em Portugal - uma introdução à sua história 1338-1938*, Lisboa, edição da Associação Nacional de Farmácias / INAPA, 1994.
- Idem, *Droguistas, boticários e segredistas. Ciência e Sociedade na Produção de Medicamentos na Lisboa de Setecentos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2007.
- GUILLEN, Diego Gracia; Guillermo Folch Jou; e Francisco Javier Puerto Sarmiento. *Historia del Medicamento*, 3 vols., 4ª ed., Barcelona, Ediciones Doyma, 1984.
- JUMA, Imitiaz. *Farmácias, boticas e mezinhas de Portugal*, Lisboa, Neo-Farmacêutica, 1992.
- LE GOFF, Jacques. *As doenças têm história*, 2ª ed., Lisboa, Ed. Terramar, 1997.
- PITA, João Rui. *Farmácia, medicina e saúde pública em Portugal (1772-1836)*, Coimbra, Livraria Minerva, 1996.
- Idem. *História da Farmácia*, 3ª ed., Coimbra, Ed. Minerva, 2007.
- RIEDER, Philip; Ana Leonor Pereira, João Rui Pita. *História Ecológico-Institucional do Corpo*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.
- SAGRERA, Juan Esteve de. *Historia de la Farmacia – los medicamentos, la riqueza y el bienestar*, Barcelona, ed. Masson, 2005.
- SARMIENTO, Francisco Javier Puerto. *El mito de Panacea – Compendio de historia de la terapêutica y de la farmácia*, Madrid, ed. Doces Calles, 1997.
- SILVA, Alberto Carlos Correia da. *Farmácia - História e profissão - Colectânea de estudos e ensaios*, Lisboa, Ordem dos Farmacêuticos / edições INAPA, 1998.
- SOURNIA, Jean-Charles; Jacques Ruffie. *As epidemias na história do Homem*, Lisboa, Edições 70, 1984.